

DEFENDA-SE

# GUIA PARA O PROFESSOR

[ Elaboração: Alessandra Martins de Faria ]

## UM BAIRRO CONTRA O SILÊNCIO em defesa da vida



CENTRO MARISTA DE  
DEFESA DA INFÂNCIA

FTD

# Apresentação

{ O conhecimento une cada um consigo mesmo e todos com todos. }

José Saramago

A violência e o abuso sexual podem estar presentes em todos os espaços de convivência de crianças e adolescentes. Por isso, consideramos a escola um espaço determinante de disseminação de informações que ajudam a identificar essas violências e a desenvolver formas de autoproteção.

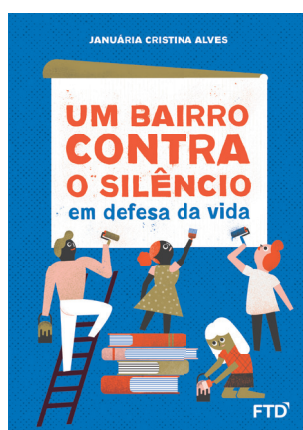
A autodefesa contra a violência e o abuso sexual deve ser compreendida como um conjunto de estratégias simples e cotidianas que visam à segurança da criança e do adolescente e dificultam a ação dos agressores.

Acreditamos que os projetos educacionais, as metodologias participativas e a formação de crianças e adolescentes são fundamentais na defesa de seus direitos e na construção de ambientes mais seguros e promotores de aprendizagem.

Ao compartilhar o compromisso de difundir informação e colaborar no enfrentamento da violência, este guia oferece uma proposta significativa para trabalhar o tema no cotidiano escolar, por meio de:

- ▶ textos de formação que auxiliam o professor a reconhecer sinais de abuso e violência sexual;
- ▶ documentos e legislações que protegem o bem-estar de crianças e adolescentes;
- ▶ rede de proteção e canais de denúncia;
- ▶ indicações de leitura, *sites*, filmes e outros conteúdos audiovisuais;
- ▶ subsídios para o desenvolvimento das atividades apresentadas na obra paradidática;
- ▶ propostas de oficinas e atividades complementares.

Esperamos que o conhecimento nos una nesta importante empreitada!



**Título** Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida

**Série** Fraternidade e Solidariedade

**Autora** Januária Cristina Alves

**Ilustrações** Estúdio Rebimboca

**Formato** 17 cm x 24 cm

**Páginas** 64

**Acabamento** Cavalete

**Obra** Clássica e escolar

O **Guia para o professor** é parte integrante da obra **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**. Conforme o Artigo 29 da Lei nº 9.610/98, é proibida a reprodução parcial, integral ou divulgação comercial deste documento sem autorização prévia expressa da editora.

# Sumário

4	<b>Introdução</b>
7	<b>Educação, sexualidade e abuso sexual</b>
11	<b>Rede de proteção</b>
13	Organizações e campanhas
13	Como identificar a ocorrência de violência e abuso sexual?
16	Como agir diante de uma situação de abuso ou violência sexual?
16	Denúncia anônima
16	Responsabilidade
17	Canais de denúncia
19	<b>Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual</b>
19	Violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes
22	Infâncias e adolescências
23	Sexualidade e Educação em Sexualidade
25	Sexualidade: questões éticas
25	Como desenvolver processos de Educação em Sexualidade com crianças?
26	<b>Gênero, educação e desigualdades</b>
26	O que é gênero?
28	A culpa é da vítima?
28	Educar para a igualdade de gêneros
29	Masculinidades em discussão
30	<b>Temas correlatos</b>
30	Direitos humanos
30	Protagonismo juvenil
32	<b>Atividades propostas no livro</b>
38	<b>Atividades complementares: roteiros temáticos</b>
40	<b>Eixo 1 - O direito de ser quem sou</b>
42	Roteiro 1 - Gênero e diferenças
44	Roteiro 2 - Gênero e desigualdades
46	<b>Eixo 2 - É preciso saber (con)viver!</b>
48	Roteiro 1 - É preciso saber dizer, ouvir e respeitar!
51	Roteiro 2 - Internet: é preciso saber usar!
53	<b>Eixo 3 - Eu sou porque nós somos!</b>
54	Roteiro 1 - Você tem fome de quê?
56	Roteiro 2 - E vamos à luta!
58	<b>Para finalizar</b>
60	<b>Apêndice</b>
60	Violência sexual contra adolescentes
61	Sexualidade e Educação em Sexualidade
62	Gênero, educação e desigualdades
63	Direitos e protagonismo juvenil

## Introdução

Se “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, segundo o provérbio africano, é na beleza do processo pedagógico que educadores – com sua missão profissional e pessoal de apoiar o desenvolvimento de crianças e adolescentes – contribuem para a leitura do mundo e da palavra como promotora dos direitos humanos e da formação integral.

Os direitos da criança e do adolescente, prioridade absoluta e dever do Estado, da família e da sociedade – como preconizam os artigos 227 da **Constituição Federal**<sup>1</sup> e 4ª do **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**<sup>2</sup> –, têm seus princípios garantidos na **Convenção sobre os Direitos da Criança**<sup>3</sup>. Sujeitos de direitos e em condição peculiar de desenvolvimento, crianças e adolescentes encontram na construção de sua identidade, formação e conhecimento de mundo uma autonomia progressiva condicionada pela capacidade, desejo e oportunidade.

Paulo Sérgio Pinheiro, acadêmico brasileiro, ao apresentar um relatório<sup>4</sup> na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 11 de outubro de 2006, reconheceu a escola e outros ambientes educativos como lugares importantes para romper com padrões e círculos de violência e para reafirmar valores universais. A admissão de que todas as crianças têm direito à educação em ambientes livres de violência e que uma das funções da educação é produzir adultos que tenham interiorizados valores e práticas não violentas é destaque desse estudo. Em um segundo relatório<sup>5</sup>, Katherine Covell, professora de Psicologia do Desenvolvimento na Cape Breton University, no Canadá, e Jo Becker, jornalista e autora estadunidense, ao avaliarem as recomendações apresentadas no primeiro relatório, ressaltam os pontos importantes para a mudança das condições indicadas nesse estudo, com destaque para a relevância da formação dos educadores na perspectiva dos direitos humanos, o que resulta em ambientes escolares menos violentos.

O **Guia escolar**, publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2011, afirma que a escola é um espaço em que se trabalham “os saberes, os afetos, os valores, as normas, os modelos culturais e os direitos”<sup>6</sup>. O acesso do professor a dados e estudos sobre os direitos humanos de crianças e adolescentes e o enfrentamento das violências é fundamental para contribuir nesse movimento de pessoas e organizações que tentam, por meio de sua atuação pessoal e profissional, construir um mundo mais seguro para as infâncias e juventudes.

<sup>1</sup>BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_001](http://ftd.li/defenda-se_001)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

<sup>2</sup>BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_002](http://ftd.li/defenda-se_002)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

<sup>3</sup>BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_003](http://ftd.li/defenda-se_003)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

<sup>4</sup>PINHEIRO, Paulo Sérgio. **World report on violence against children**. Genebra: UN, 2006. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_004](http://ftd.li/defenda-se_004)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

<sup>5</sup>BECKER, Jo; COVELL, Katherine. **Five Years On: A global update on violence against children, 2011**. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_005](http://ftd.li/defenda-se_005)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

<sup>6</sup>SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Seropédica: EDUR, 2011. p. 43. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_006](http://ftd.li/defenda-se_006)>. Acesso em: 28 jun. 2018.



Os dados destacados nos documentos publicados sobre violência sexual contra crianças e adolescentes são impactantes e revelam que esses números se manifestam em nosso cotidiano. De acordo com o relatório mundial organizado por Paulo Sérgio Pinheiro, pelo menos 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos com menos de 18 anos foram abusados ou explorados sexualmente durante o ano de 2002. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ao analisar os dados da política nacional de saúde, 68% das vítimas de estupro, no Brasil, são menores de idade<sup>7</sup>. O Disque 100, serviço de denúncias de violação de direitos humanos do Ministério de Direitos Humanos da Presidência da República, registrou, em 2017, um total de 142 665 denúncias, sendo 71 748 relacionadas à violência sexual contra crianças e adolescentes<sup>8</sup>. A Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou, em 2017, o **INSPIRE. Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças**, afirmando que “uma de cada cinco meninas e um de cada treze meninos são vítimas de abuso sexual”<sup>9</sup> no mundo.

Portanto, o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes é um desafio que perpassa todos os espaços em que meninos e meninas estão presentes, convivem e manifestam suas visões de mundo.

O desenvolvimento integral das infâncias e juventudes precede a compreensão sobre seus direitos e as possibilidades de reivindicá-los. Por isso, assim como preconiza o eixo “Prevenção” do **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual de Crianças e Adolescentes**, é preciso “assegurar ações preventivas contra a violência sexual. Ações de educação, sensibilização e de autodefesa”<sup>10</sup>. Tais ações se revelam como potentes estratégias para o enfrentamento da violência sexual, uma vez que empoderam meninos e meninas a manifestarem seu direito, ao conhecerem adequadamente o próprio corpo e a reconhecerem as possibilidades de também participarem da reivindicação sobre os limites de uma relação saudável e protetiva.

Na prática, a autodefesa deve ser entendida como um conjunto de estratégias simples e cotidianas que visam à segurança da criança e do adolescente e dificultam a ação dos agressores. Dentre essas estratégias, destaca-se a **Educação em Sexualidade**, que é definida “como uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas e sem pré-julgamento. A Educação em Sexualidade fornece oportunidades para explorar os próprios valores e atitudes e para desenvolver habilidades de tomada de decisão, comunicação e redução de riscos em relação a muitos aspectos da sexualidade”<sup>11</sup>.

<sup>7</sup> INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada; FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro: IPEA/FBSP, 2018. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_007](http://ftd.li/defenda-se_007)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

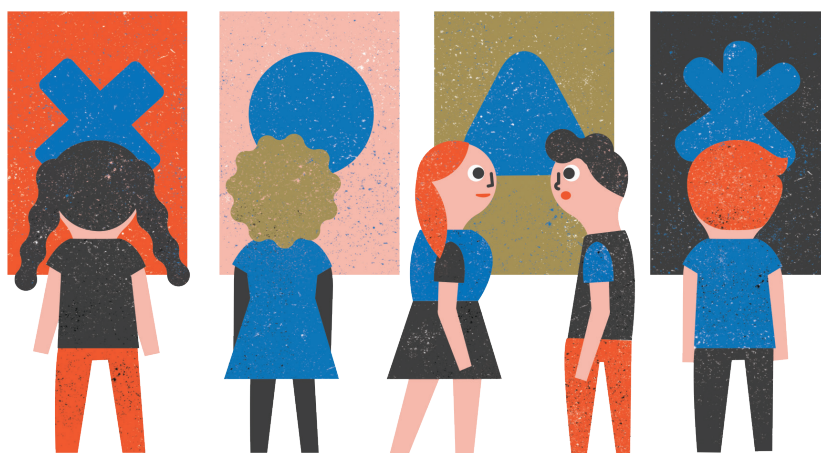
<sup>8</sup> BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Balanco anual 2017**. Brasília, DF: MDH, 2018. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_008](http://ftd.li/defenda-se_008)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

<sup>9</sup> ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde. **INSPIRE. Sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças**. Washington: OPAS, 2017. p. 2. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_009](http://ftd.li/defenda-se_009)>. Acesso em: 3 jul. 2018.

<sup>10</sup> PLANO Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, 2013. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_010](http://ftd.li/defenda-se_010)>. Acesso em: 3 jul. 2018.

<sup>11</sup> UNESCO. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Tradução de Rita Brossard. 2010. v. 1. p. 2. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_011](http://ftd.li/defenda-se_011)>. Acesso em: 3 jul. 2018.

Este guia, portanto, pretende contribuir de modo significativo com o cotidiano educacional em que você, professor, ao ter acesso a documentos e propostas em desenvolvimento, compartilhe com a “aldeia” o compromisso de enfrentamento da violência e o anúncio de um lugar mais seguro para meninos e meninas. Seus projetos educacionais, suas metodologias participativas e sua contribuição na formação de crianças e adolescentes podem ser determinantes na defesa dos direitos e na construção de ambientes mais seguros e promotores de aprendizagem.



## Educação, sexualidade e abuso sexual

Dezoito de maio é o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A data foi escolhida por conta do crime cometido contra a menina Araceli, em Vitória, Espírito Santo, em 1973. Nesse dia, Araceli, que tinha 8 anos de idade, foi sequestrada e cruelmente assassinada após ter sido violentada. Todos os anos, desde 2000, o dia 18 de maio pode ser o início ou o ápice de um processo de luta contra esse tipo de violência e deve ser marcado por um conjunto de ações, como seminários e palestras com especialistas sobre o tema e iniciativas pedagógicas, que têm na Educação em Sexualidade um importante aliado para empoderar crianças e adolescentes na identificação e denúncia de situações de abuso.

Sabemos que a Educação em Sexualidade para crianças e adolescentes é assunto delicado e que causa desconforto em muitas famílias, bem como em profissionais que atuam nas escolas e em outras áreas de atendimento ao público infantojuvenil, como aponta o documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade**. Pode ser que pais e responsáveis considerem inadequado falar sobre o abuso sexual com crianças e adolescentes imaginando que, dessa forma, estão garantindo a proteção deles. Contudo, apresentá-los informações seguras, corretas e adequadas é fator fundamental no processo de empoderamento, para que eles possam tanto desenvolver comportamentos de autoproteção quanto buscar ajuda, se for necessário.

Podemos pensar que o processo de Educação em Sexualidade se dá, ao longo da nossa vida, de maneira informal (como na convivência familiar ou entre pares, por meio de diversos valores, hábitos e comportamentos que são apreendidos) e de maneira formal (isto é, planejada e desenvolvida adequadamente a cada momento da vida e faixa etária do aprendiz, elaborada a partir de informações corretas e pautadas pela ciência)<sup>12</sup>. Dessa forma, ainda que não se fale abertamente sobre o tema, todos desenvolvemos Educação em Sexualidade quando, por exemplo, ensinamos a fechar ou manter a porta aberta durante o banho ou quando dividimos ou não as tarefas domésticas entre os diversos membros da família conforme o gênero de cada um etc.

Na escola, esse processo pedagógico é mais aprofundado e planejado, pois tem intenções e objetivos definidos, como: apresentar informações seguras de modo que crianças e adolescentes cresçam conhecendo adequadamente o próprio corpo; desenvolvam noções de autocuidado e de autoproteção; compreendam o que é a afetividade humana e, a seu tempo, do que se trata o sexo; saibam fazer escolhas responsáveis ao longo da vida, com vistas à saúde e ao projeto de vida; e desenvolvam sentido de respeito, solidariedade e cuidado com as outras pessoas.

Todo esse processo não desconsidera a cultura e os valores da família ou comunidade; ao contrário: líderes religiosos, professores, equipes gestoras, todos podem contribuir com base no entendimento dos objetivos fundamentais do processo. Contudo, a Educação em Sexualidade, bem como o processo educativo acerca da questão do abuso sexual, vislumbra

---

<sup>12</sup> VITIELLO, Nelson. **Sexualidade**: quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: Iglu, 1997.

a mudança de aspectos da sociedade que têm reforçado na cultura e nas práticas sociais a manutenção das muitas violências contra crianças e adolescentes. Diante disso, antes de iniciar o processo educativo diretamente com crianças e adolescentes, é muito importante convocar famílias, líderes locais e toda a comunidade educativa para apresentar os objetivos que se pretende alcançar, informar acerca de conteúdo e materiais de apoio e do processo a ser percorrido (ações propostas, atividades etc.). É importante também que a comunidade, além de estar informada sobre o processo educativo que se deseja estabelecer, esteja engajada no apoio e disseminação dos conhecimentos construídos com as crianças e os adolescentes.

Mas que relação se pode estabelecer entre a Educação em Sexualidade e a discussão sobre o abuso sexual contra crianças e adolescentes?

Um dos principais mitos acerca desse tipo de abuso é a crença de que o autor do abuso é um estranho, alguém desconhecido. Na verdade, na maioria dos casos, é alguém próximo ou conhecido da criança ou do adolescente, alguém que já faz parte do círculo de relacionamentos interpessoais deles. Além disso, nem sempre o abusador sexual recorre a ameaças ou violência, o que torna ainda mais difícil para a vítima reconhecê-lo como tal.

Portanto, educar crianças e adolescentes para o conhecimento do próprio corpo e das “partes íntimas” – partes que só podem ser tocadas por eles mesmos ou por pessoas autorizadas, como os pais ou responsáveis durante a manutenção da higiene das crianças ou por profissionais da saúde – pode ajudá-los a:

- ▶ perceber quais são os contatos físicos permitidos e os não permitidos;
- ▶ ser capazes de identificar pessoas de confiança a quem pedir ajuda;
- ▶ entender o significado de consentimento e não consentimento;
- ▶ defender-se ao se perceber em perigo;
- ▶ identificar situações seguras e situações de risco;
- ▶ autoconhecer-se, formulando opiniões positivas sobre si mesmos;
- ▶ discutir o respeito às diferenças entre as pessoas e a importância da igualdade de direitos para que ninguém se sinta mais importante que o outro;
- ▶ motivar-se a conhecer os direitos de crianças e adolescentes, bem como a rede de proteção que pode ser acionada por eles e suas famílias etc.

Para ampliar a visão acerca de mitos e realidades sobre abuso sexual, auxiliar no entendimento de algumas informações por trás dessa problemática e fortalecer sua atuação na comunidade escolar, reproduzimos a tabela a seguir.



## Conheça alguns mitos e realidades sobre o abuso sexual

MITOS	REALIDADE
As pessoas estranhas representam perigo maior para crianças e adolescentes.	As pessoas estranhas respondem por um pequeno percentual dos casos registrados. Em 85% a 90% das situações, crianças e adolescentes são sexualmente abusados por pessoas conhecidas, como pais, padrastos, parentes, vizinhos, amigos da família, babás, professores ou médicos. [...]
O autor do abuso sexual é um psicopata, um tarado que todos reconhecem na rua, um depravado sexual, geralmente mais velho e alcoólatra, homossexual ou retardado mental.	Os crimes sexuais são praticados por pessoas de todos os níveis socioeconômicos, religiosos e étnicos. Na maioria das vezes, são indivíduos [...] queridos por crianças e adolescentes. A maioria dos autores de violência sexual é heterossexual e também mantém relações sexuais com adultos.
A criança mente e inventa que sofre abuso sexual.	Raramente a criança mente. Apenas 6% dos casos são fictícios e, nestas situações, trata-se, em geral, de crianças maiores, que objetivam alguma vantagem.
Se uma criança ou adolescente “consente” é porque deve ter gostado. Só quando diz “não” é que fica caracterizado o abuso.	O autor da agressão sexual tem inteira responsabilidade pela violência sexual, qualquer que seja a forma por ele assumida.
O abuso sexual, na maioria dos casos, ocorre longe da casa da criança ou adolescente.	O abuso geralmente ocorre dentro ou perto da casa da criança ou do abusador. O abusador costuma procurar locais em que a criança ou adolescente esteja vulnerável. O maior índice de abuso sexual acontece no período diurno.
É fácil identificar o abuso sexual em razão das evidências físicas encontradas na criança ou adolescente.	Em apenas 30% dos casos há evidências físicas. As autoridades precisam conhecer as diversas técnicas de identificação de abuso sexual.
O abuso sexual está associado a lesões corporais.	A violência física não é comumente utilizada na prática do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Os autores de abuso utilizam-se mais frequentemente da sedução para conquistar a confiança e o afeto deles. Podem também utilizar ameaças quando a sedução deixa de funcionar. Nem mesmo o ato sexual em si, muitas vezes, provoca lesões corporais. Nesses casos, as maiores consequências são as psicológicas.

MITOS	REALIDADE
O abuso sexual se limita ao estupro.	Além do ato sexual com penetração vaginal ou anal [...], outros atos são considerados abuso sexual, como o voyeurismo, a manipulação de órgãos sexuais, a pornografia e o exibicionismo.
Crianças e adolescentes sexualmente abusados são oriundos de famílias de nível socioeconômico baixo.	Níveis de renda familiar e de educação não são indicadores de abuso. Famílias das classes média e alta podem ter condições mais favoráveis para encobrir o abuso e manter o “muro do silêncio”. As vítimas e os autores do abuso são, variadas vezes, do mesmo grupo étnico e socioeconômico.
Crianças e adolescentes só revelam o “segredo” se tiverem sido ameaçados com violência.	Crianças e adolescentes só revelam o “segredo” quando confiam e se sentem apoiados.
A maioria dos casos é denunciada.	Na realidade, poucos casos são denunciados. Quando há envolvimento de familiares, são poucas as chances de que a vítima faça a denúncia, seja por motivos afetivos, seja por medo do abusador, de perder os pais, de ser expulso, de que os outros membros da família não acreditem em sua história ou de causar discórdia familiar.
A maioria dos pais e professores está informada sobre abuso sexual de crianças, a frequência em que ocorre e como deve lidar com a situação.	No Brasil, a maioria dos pais e professores desconhece a realidade do abuso sexual de crianças e adolescentes. Assim, a desinformação os impede de ajudar a combater e a prevenir esse tipo de crime.
O abuso sexual é uma situação rara, que não merece ser considerada prioridade por parte dos governos.	O abuso sexual é extremamente frequente em todo o mundo. Sua prevenção deve ser prioridade até por questões econômicas. Segundo estudo realizado nos Estados Unidos, os gastos com o atendimento de 2 milhões de vítimas de abuso sexual chegaram a US\$ 12,4 milhões em um ano.
É impossível prevenir o abuso sexual de crianças.	Há maneiras práticas e objetivas de proteger as crianças do abuso sexual [...].

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica: Edur, 2011. p. 68-71. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_006](http://ftd.li/defenda-se_006)>. Acesso em: 28 jun. 2018.

## Rede de proteção

A rede de proteção de crianças e adolescentes é o conjunto composto de diversas pessoas e organizações governamentais e não governamentais que atuam de maneira articulada na defesa, promoção e garantia dos direitos da população infantojuvenil. Pode ser articulada com vistas aos direitos gerais ou específicos de uma parcela dessa população, como no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de abuso ou exploração sexual, em situação de rua ou em regime de trabalho abaixo da idade mínima permitida por lei. Portanto, podem-se constituir em municípios, estados e âmbito federal diversas políticas de proteção consoantes às diferentes demandas provenientes das problemáticas que envolvem crianças e adolescentes. Essas políticas têm como marco de referência de atuação o Sistema de Garantia de Direitos (SGD), estabelecido no **ECA**, que prevê a existência e o exercício de múltiplos agentes e organismos com diferentes papéis, objetivos e instrumentos de atuação. As tabelas a seguir apresentam as funções, os objetivos e as formas de atendimento previstos no SGD.

### ECA – Sistema de Garantia de Direitos

FUNÇÕES	PROMOÇÃO	ATENDIMENTO
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"><li>• Formular políticas sociais públicas.</li><li>• Propor e destinar recursos orçamentários.</li><li>• Gerir Fundos da Criança e do Adolescente.</li><li>• Planejar ações integradas.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Manter programas e serviços de saúde, educação, assistência, cultura, profissionalização, proteção especial.</li><li>• Prestar atendimento.</li></ul>
INSTRUMENTOS	<ul style="list-style-type: none"><li>• Planejamento.</li><li>• Dotação orçamentária.</li><li>• Plano de aplicação de recursos dos Fundos da Criança e do Adolescente.</li><li>• Elaborar plano de garantia de direitos (Conselhos Estaduais e Municipais).</li><li>• Propor e realizar conferências estaduais e municipais.<sup>13</sup></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Execução de programas e serviços de saúde, educação, assistência, cultura, profissionalização, proteção especial.</li><li>• Assistência jurídica.</li></ul>
ORGANISMOS	<ul style="list-style-type: none"><li>• Secretarias de governo estaduais e municipais.</li><li>• Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente (nacional, estaduais e municipais).</li><li>• Fundo da Criança e do Adolescente (nacional, estaduais e municipais).</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Secretarias de governo estaduais e municipais executoras de políticas de saúde, educação, assistência, cultura, profissionalização e proteção especial.</li><li>• ONGs que mantêm programas de atendimento.</li></ul>

<sup>13</sup> Essas conferências são fóruns de recomendações e avaliação das políticas para a infância e a adolescência que devem ser realizadas articuladamente nos níveis nacional, estadual e municipal.

CONTROLE/VIGILÂNCIA/ FISCALIZAÇÃO	EXIGIBILIDADE/DEFESA	RESPONSABILIZAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acompanhar, fiscalizar e avaliar programas e serviços governamentais e não governamentais da área da criança e do adolescente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exigir e defender direitos assegurados em lei.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Responsabilizar legalmente os responsáveis pela violação de direitos.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acompanhamento, fiscalização e avaliação.</li> <li>• Registro de entidades de atendimento (Conselhos de Direitos Municipais).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicação de medidas protetivas e socioeducativas.</li> <li>• Aplicação de medidas jurídicas e extrajudiciais previstas em lei.</li> <li>• Requisição de serviços (Conselhos Tutelares).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Investigação policial.</li> <li>• Processo judicial.</li> <li>• Aplicação de penalidades e sanções de natureza civil, criminal e administrativa.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ministério Público.</li> <li>• Conselhos de Direitos.</li> <li>• Varas da Infância e da Juventude.</li> <li>• Fóruns DCA.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ministério Público.</li> <li>• Conselhos de Direitos.</li> <li>• Conselhos Tutelares.</li> <li>• Defensorias Públicas.</li> <li>• Varas da Infância e da Juventude.</li> <li>• Defensorias Públicas.</li> <li>• ONGs de defesa de direitos.</li> <li>• Centros de Defesa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Delegacias de Polícia e Delegacias Especializadas (da Mulher e DPCA).</li> <li>• Justiça (Varas da Infância e da Juventude, Varas Especializadas em Crimes contra Crianças e Adolescentes e Varas Criminais).</li> <li>• Centros de Defesa.</li> <li>• Ministério Público.</li> <li>• Defensorias Públicas.</li> <li>• ONGs e Universidades que oferecem assistência jurídica.</li> </ul>

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008. p. 81-82. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_012](http://ftd.li/defenda-se_012)>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Assim, diversos são os agentes e organizações que atuam na defesa e garantia dos direitos de crianças e adolescentes. O processo de trabalho em rede não é fácil; exige abertura, diálogo, integração, troca de informações e conhecimentos entre os muitos organismos e profissionais envolvidos em cada linha de ação ou frente de trabalho. A escola pode atuar na mobilização da rede de proteção sempre que convida representantes de outros organismos para o diálogo e o trabalho em conjunto. Como é a rede de proteção ligada à problemática da violência sexual contra crianças e adolescentes na sua região? Quais são as instituições envolvidas? Quais são as linhas de ação? Como se articulam no campo do Sistema de Garantia de Direitos? O que falta conquistar? Construir um mapa da rede de proteção local pode ser um importante apoio no processo de prevenção e combate às violações de direitos de crianças e adolescentes.



## Organizações e campanhas

A violência sexual representa uma violação aos direitos humanos, para além da violação à sexualidade e aos direitos de crianças e adolescentes. Com o objetivo de subsidiar o trabalho pedagógico sobre o enfrentamento da violência sexual, apresentamos, a seguir, os sites<sup>14</sup> de algumas das mais importantes organizações e campanhas com foco em prevenção e redução de danos causados por abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

- ▶ <http://anamovimento.blogspot.com.br/>
- ▶ <http://new.safernet.org.br/>
- ▶ <http://plan.org.br/>
- ▶ <http://promundo.org.br/>
- ▶ [www.childhood.org.br](http://www.childhood.org.br)
- ▶ [www.defenda-se.com](http://www.defenda-se.com)
- ▶ [www.podeserabuso.org.br](http://www.podeserabuso.org.br)

## Como identificar a ocorrência de violência e abuso sexual?

A escola representa, para muitas crianças e adolescentes, um importante espaço de proteção. Professores são fonte de apoio com quem, muitas vezes, compartilham-se angústias e situações difíceis, em razão do vínculo afetivo e de confiança que se constrói no dia a dia. Por isso, conhecer a questão da violência sexual com profundidade é muito importante para que esses profissionais se sintam seguros sobre como agir diante da suspeita ou da identificação de uma situação de abuso. Mas, se a criança ou o adolescente não conta ou não verbaliza a situação, como percebê-la?

De fato, a tarefa não é simples. Especialistas apontam que crianças e adolescentes dão sinais de que estejam sofrendo algum tipo de abuso e, dessa maneira, orientam para a observação de algumas características e comportamentos como os que listamos a seguir. Contudo, deve-se lembrar que esses sinais, normalmente, aparecem não isoladamente, mas de forma associada.

### Indicadores na conduta de crianças e adolescentes

#### Sinais corporais ou provas materiais

- Enfermidades psicossomáticas que se traduzem em uma série de problemas de saúde sem aparente causa clínica, como dor de cabeça, erupções na pele, vômitos e outras dificuldades digestivas, que têm, na realidade, fundos psicológico e emocional. [...]
- Dificuldade de engolir devido à inflamação causada por gonorreia na garganta (nas amígdalas, mais precisamente) ou reflexo de engasgo hiperativo e vômitos (por sexo oral). [...]

<sup>14</sup>Acessos em: 5 jul. 2018.

- Baixo controle do esfíncter, constipação ou incontinência fecal.
- Sêmen na boca, nos genitais ou na roupa.
- Roupas íntimas rasgadas ou manchadas de sangue. [...]
- Gravidez precoce ou aborto. [...]
- Traumatismo físico ou lesões corporais por uso de violência física.

## Sinais comportamentais ou provas imateriais

### Comportamento/sentimento

- Mudanças comportamentais radicais, súbitas e incompreensíveis, tais como oscilações de humor entre os estados de timidez e extroversão.
- Mal-estar pela sensação de modificação do corpo e confusão de idade.
- Regressão a comportamentos infantis, tais como choro excessivo sem causa aparente, enurese (emissão involuntária de urina) e hábito de chupar os dedos.
- Medo, ou mesmo pânico, de determinada pessoa ou sentimento generalizado de desagrado quando deixada em algum lugar.
- Medo do escuro ou de lugares fechados.
- Autoconceito negativo, baixo nível de autoestima e excessiva preocupação em agradar os outros.
- Tristeza, abatimento profundo ou depressão crônica.
- Vergonha excessiva, inclusive de mudar de roupa na frente de outras pessoas.
- Culpa e autoflagelação.
- Ansiedade generalizada, comportamento tenso, sempre em estado de alerta, e fadiga.
- Excitabilidade aumentada (hipervigilância ou dificuldade de concentração).
- Fraco controle de impulsos, comportamento autodestrutivo ou suicida.
- Comportamento disruptivo, agressivo, raivoso, principalmente dirigido contra irmãos e o familiar não incestuoso.
- Transtornos dissociativos na forma de personalidade múltipla.
- Repetição constante do que outras pessoas verbalizam.

### Sexualidade

- Curiosidade sexual excessiva; interesse ou conhecimento súbito e não usual sobre questões sexuais.
- Expressão de afeto sexualizada, ou mesmo certo grau de provocação erótica, inapropriados para crianças e adolescentes.
- Desenvolvimento de brincadeiras sexuais persistentes com amigos, animais e brinquedos.
- Masturbação compulsiva ou pública.
- Relato de avanços sexuais por parentes, responsáveis ou outros adultos, ou mesmo agressividade sexual a terceiros.
- Representações e desenhos de órgãos genitais com detalhes e características além da capacidade de sua faixa etária. Toque e/ou manipulação constante dos órgãos genitais.

- Introdução de objetos no ânus ou na vagina.
- Ansiedade constante relacionada a temas sexuais.

### Hábitos, cuidados corporais e higiênicos

- Abandono, ainda que temporário, de comportamento infantil, de laços afetivos, de antigos hábitos lúdicos, de fantasias.
- Mudança de hábito alimentar, perda de apetite (anorexia) ou excesso de alimentação (obesidade).
- Padrão de sono perturbado por pesadelos frequentes, agitação noturna, gritos, suores provocados pelo terror de adormecer e sofrer abuso.
- Aparência descuidada e suja pela relutância em trocar de roupa.
- Hábito não usual de lavar as mãos compulsivamente.
- Resistência em participar de atividades físicas.
- Tiques motores múltiplos.
- Atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem verbal em crianças muito pequenas.
- Uso e abuso repentino de substâncias como álcool, drogas lícitas e ilícitas.

### Frequência e desempenho escolar

- Assiduidade e pontualidade exageradas. Chegam cedo e saem tarde, demonstram pouco interesse em voltar para casa após a aula, ou até apresentam resistência a isso.
- Queda injustificada de frequência à escola.
- Dificuldade de concentração e de aprendizagem, resultando em baixo rendimento escolar.
- Ausência ou pouca participação nas atividades escolares.
- O aparecimento de objetos pessoais, brinquedos, dinheiro e outros bens que estão além das possibilidades financeiras da família da criança ou adolescente pode indicar favorecimento e/ou aliciamento. Se isso ocorrer com várias crianças da mesma sala de aula, ou da mesma série, pode indicar a ação de algum pedófilo na região.

### Relacionamento social

- Tendência a isolamento social, apresentando poucas relações com colegas e companheiros.
- Relacionamento entre crianças e adultos com ares de segredo e exclusão dos demais.
- Dificuldade de confiar nas pessoas à sua volta.
- Evitamento de contato físico.
- Frequentes fugas de casa.
- Prática repentina de delitos como forma de transgressão ou de chamar a atenção, ainda que inconscientemente.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica: Edur, 2011. p. 88-90. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_006](http://ftd.li/defenda-se_006)>. Acesso em: 28 jun. 2018.

## Como agir diante de uma situação de abuso ou violência sexual?

Deve-se cuidar ao máximo para não expor a criança ou o adolescente, mantendo sigilo sobre as informações e sobre sua identidade – trata-se, aqui, de não ampliar a situação de sofrimento da possível vítima e de cuidar da sua privacidade. Você pode conversar com colegas ou outros profissionais a respeito da situação para tentar esclarecer suas reflexões, mas revele as informações sobre a criança ou o adolescente apenas para as pessoas que realmente podem oferecer ajuda.

Em caso de confirmação ou suspeita de uma situação de violência ou abuso sexual, a lei orienta que se deve fazer uma notificação ao Conselho Tutelar, a uma delegacia especializada (ou à delegacia comum, na ausência desta) ou, ainda, ao serviço Disque 100. Pode-se realizar a notificação por telefone, por escrito, por meio de visita ao órgão competente ou solicitando atendimento na própria escola.

### Denúncia anônima

Muitas vezes, ao realizar uma denúncia, professores podem se sentir preocupados com possíveis complicações que envolvam a família ou os responsáveis da vítima, e até mesmo os próprios autores do abuso sexual. Segundo o **Guia escolar**:

A denúncia pode ser realizada de forma declarada ou sigilosa. Muitos educadores preferem notificar a ocorrência de abuso sexual e não ter sua identidade revelada. Porém, o ideal é que a direção da escola assuma conjuntamente a notificação por escrito ou visite o órgão responsável, de preferência acompanhada de membros da família que não cometeram abuso sexual, que possam dar seguimento tanto à denúncia quanto ao encaminhamento da criança ou adolescente aos serviços educacional, médico e psicológico, quando esses se fizerem necessários.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos; IPPOLITO, Rita. **Guia escolar**: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Seropédica: Edux, 2011. p. 102.  
Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_006](http://ftd.li/defenda-se_006)>. Acesso em: 28 jun. 2018.

### Responsabilidade

Notificar órgãos competentes sobre casos de violência e abuso sexual de crianças e adolescentes é um dever legal. O **ECA** determina não apenas a obrigatoriedade da notificação, mas também a penalidade para o caso de negligência dos profissionais diante da situação de suspeita ou confirmação de maus-tratos.

Art. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.

[...]



Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

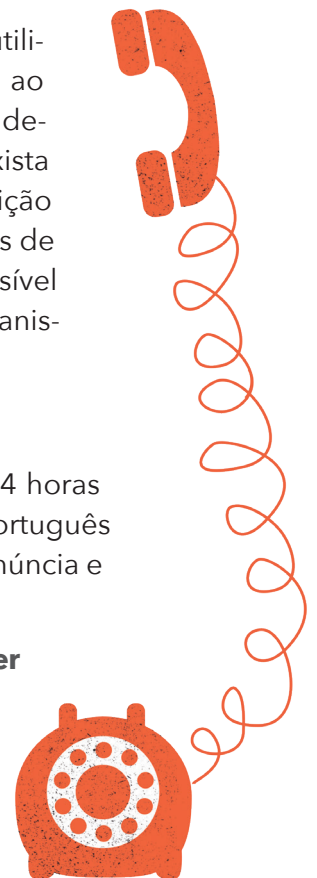
BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_002](http://ftd.li/defenda-se_002)>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Contudo, encaminhar uma denúncia significa, sobretudo, cuidar da proteção de crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos ou violência sexual. A denúncia permite aos órgãos competentes tomarem providências para evitar novos casos de abuso, responsabilizando o agressor pelas suas ações e encaminhando-o para um processo educativo de modo a não cometer novos abusos no futuro.

## Canais de denúncia

A seguir, listamos uma série de canais de denúncia que podem ser utilizados por professores, crianças, adolescentes e familiares. Em respeito ao **ECA**, pode-se, primeiramente, procurar o Conselho Tutelar e realizar a denúncia por meio desse importante organismo de proteção. Caso não exista na cidade Conselho Tutelar, delegacias especializadas ou outra instituição que desenvolva o trabalho de proteção à infância e à juventude nos casos de violência e abuso sexual, podem-se procurar as delegacias comuns. É possível também fazer uma denúncia por meio do Disque 100 ou de outros organismos, conforme indicado.

- ▶ **Conselho Tutelar\***
- ▶ **Disque Direitos Humanos - Disque 100.** O atendimento funciona 24 horas por dia e é gratuito. A denúncia pode ser feita anonimamente, em português ou espanhol, e de qualquer parte do Brasil. O Disque 100 recebe a denúncia e a encaminha rapidamente aos órgãos competentes.
- ▶ **Delegacia da Infância e Juventude** ou **Delegacia de Defesa da Mulher**
- ▶ **Delegacia Civil, Militar** ou **Rodoviária Federal**, na ausência de delegacia especializada



\* Disponível para consulta no site do Mapa de Oportunidades e Serviços Públicos (MOPS), portal de acesso livre que reúne e organiza informações sobre disponibilidade de serviços, equipamentos públicos e programas identificados em municípios, microrregiões e estados no país. Endereço: <[http://ftd.li/defenda-se\\_013](http://ftd.li/defenda-se_013)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

- ▶ **Ministério Público Estadual**
- ▶ **Centro de Referência da Assistência Social (Cras)\* e Centro de Referência Especializado da Assistência Social (Creas)\***
- ▶ **Defensoria Pública**
- ▶ **[www.protejabrasil.com.br](http://www.protejabrasil.com.br)**. Aplicativo que permite a localização da rede de apoio e a realização de denúncias de casos de violação de direitos. Pode ser baixado gratuitamente da internet para o aparelho celular.
- ▶ **[www.humanizaredes.gov.br](http://www.humanizaredes.gov.br)**. Portal criado pelo Governo Federal que acolhe denúncias de crimes contra os direitos humanos.
- ▶ **<http://new.safernet.org.br/helpline>**. Por meio de *chat* ou *e-mail*, podem-se solicitar informações e orientações acerca da questão da violência sexual e outros crimes na internet.
- ▶ **<http://new.safernet.org.br/denuncie>**. Canal de denúncia *on-line* de crimes na internet.



---

\* Disponível para consulta no *site* do Mapa de Oportunidades e Serviços Públicos (MOPS), portal de acesso livre que reúne e organiza informações sobre disponibilidade de serviços, equipamentos públicos e programas identificados em municípios, microrregiões e estados no país. Endereço: <[http://ftd.li/defenda-se\\_013](http://ftd.li/defenda-se_013)>. Acesso em: 10 jul. 2018.

## Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual

Apresentamos, nesta seção, sugestões de *sites*, publicações, filmes e outros materiais audiovisuais que podem auxiliar no processo de (re)construção do olhar pedagógico acerca da problemática da violência e do abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Organizadas em cinco eixos temáticos, as sugestões vão ajudar você na elucidação de conceitos importantes para compreender melhor questões inerentes à problemática da violência e do abuso sexual e favorecer ações e processos pedagógicos preventivos que fortaleçam o empoderamento infantojuvenil e da comunidade educativa no enfrentamento desse grave problema social.

A lista de materiais indicados não pretende esgotar os assuntos apresentados. Antes, abrange um conjunto básico para análise, que direciona o olhar para um foco de reflexão específico: ampliar concepções e conhecimentos para o favorecimento do processo de prevenção e enfrentamento da violência e do abuso sexual. Com base nessas indicações, educadores podem empreender novas pesquisas de enriquecimento para seus estudos.

É importante, contudo, atentar-se para o fato de que os materiais aqui sugeridos são indicados apenas à utilização dos professores, pais e responsáveis. Do **Apêndice** deste guia, constam materiais adequados para serem utilizados em sala de aula com os estudantes.

## Violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes

A violência e o abuso sexual configuram uma violação dos direitos humanos universais e particulares de crianças e adolescentes, isto é, a negação ao direito humano de ter respeitados os direitos sexuais e o desenvolvimento seguro da própria sexualidade.

A legislação brasileira considera crime de abuso sexual quando é estabelecida uma relação interpessoal entre abusador e vítima “através do contato físico, ou seja, por meio de carícias não desejadas, penetração oral, anal ou vaginal, com o pênis ou objetos, masturbação forçada, dentre outros; e sem contato físico, por exposição obrigatória a material pornográfico, exibicionismo, uso de linguagem erotizada em situação inadequada”. Trata-se de um relacionamento de “dominação perversa, geralmente mantido em silêncio e segredo”, em que “crianças ou adolescentes são usados para gratificação de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, com base em uma relação de poder que pode incluir desde manipulação da genitália, mama, ânus, exploração sexual, voyeurismo, pornografia, exibicionismo, até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008. p. 39-40. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_012](http://ftd.li/defenda-se_012)>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Outra forma assumida pela violência sexual é a **exploração sexual comercial de crianças e adolescentes**, isto é, “uma relação de mercantilização (exploração/dominação) e abuso (poder) do corpo de crianças e adolescentes (oferta) por exploradores sexuais (mercadores), organizados em redes de comercialização local e global (mercado), ou por pais ou responsáveis, e por consumidores de serviços sexuais pagos (demanda)”<sup>16</sup>. Esse tipo de exploração acontece, muitas vezes, por meio da prostituição, pornografia, turismo sexual, tráfico de pessoas para fins comerciais etc.

## Publicações

As publicações indicadas a seguir oferecem aos profissionais que atuam com crianças e adolescentes um conjunto de conceitos que orienta ações de prevenção e enfrentamento e esclarece a abordagem diante de suspeita ou identificação de situações de violência e abuso sexual, entre outras violações de direitos humanos.

- ▶ **Guia escolar:** identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes  
**Benedito Rodrigues dos Santos e Rita Ippolito.** Edur, 2011.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_006](http://ftd.li/defenda-se_006) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **O Guia como instrumento de proteção à infância:** o que contém e como utilizá-lo  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_014](http://ftd.li/defenda-se_014) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Escola que protege:** enfrentando a violência contra crianças e adolescentes  
**Vicente de Paula Faleiros e Eva Silveira Faleiros.** MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_012](http://ftd.li/defenda-se_012) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Guia de referência:** construindo uma cultura de prevenção à violência sexual  
**Benedito Rodrigues dos Santos e Rita Ippolito.** Childhood Instituto WCF Brasil/Prefeitura da Cidade de São Paulo – Secretaria de Educação, 2009.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_015](http://ftd.li/defenda-se_015) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Campanha de Prevenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes:** cartilha Educativa Brasil. Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes/ABTH, [s.d.].  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_016](http://ftd.li/defenda-se_016) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Combate à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes:** guia de referência para educadores/as  
**Isa Ferreira.** OIT, [s.d.].  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_017](http://ftd.li/defenda-se_017) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Navegar com segurança:** por uma infância conectada e livre de violência sexual  
**Childhood Brasil.** Cenpec/Childhood Instituto WCF Brasil, 2012.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_018](http://ftd.li/defenda-se_018) (Acesso em: 11 jul. 2018.)

<sup>16</sup> LEAL, Maria Lúcia Pinto; LEAL, Maria de Fátima, 2002 apud FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege:** enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília, DF: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2008. p. 41. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_012](http://ftd.li/defenda-se_012)>. Acesso em: 11 jul. 2018.



- ▶ **Cuidar sem violência, todo mundo pode!:** guia prático para famílias e comunidades **Projeto Fortalecendo as Bases de Apoio Familiares e Comunitárias para Crianças e Adolescentes.** Instituto Promundo/Ciespi, 2003.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_019](http://ftd.li/defenda-se_019) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Eradicando o castigo físico e humilhante contra a criança:** manual de ação **Kate Harper, Pepa Horno, Florence Martin e Mali Nilsson.** Tradução de Ariadne Costa. Save the Children, 2005.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_020](http://ftd.li/defenda-se_020) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Abrindo Espaços:** guia passo a passo para a implantação do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz **Marlova Jovchelovitch Noletto.** Unesco/Fundação Vale, 2008.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_021](http://ftd.li/defenda-se_021) (Acesso em: 11 jul. 2018.)
- ▶ **Manual de proteção escolar e promoção da cidadania:** sistema de proteção escolar **São Paulo (Estado).** Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_022](http://ftd.li/defenda-se_022) (Acesso em: 11 jul. 2018.)

## Audiovisuais

Existem diversos filmes, documentários e debates envolvendo a questão do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Os títulos sugeridos a seguir apresentam um panorama geral da problemática: a questão das desigualdades de gênero que sustentam a perpetuação da violência sexual, a exploração sexual comercial infantil, o abuso sexual intrafamiliar, o processo de apoio e superação das vítimas de violações de direitos, entre outros.

No caso de alguns filmes, ainda que por vezes a trama apresentada seja de ficção, a construção de enredos e personagens ajuda a concretizar muitos conceitos e experiências humanas, às vezes, distantes histórica ou culturalmente do espectador. Daí a importância desses filmes como recursos formativos na construção de novos saberes sobre assuntos nem sempre conhecidos ou que ainda não foram compreendidos.

### ▶ **Anjos do Sol**

De Rudi Lagemann. Brasil, 2006. Longa-metragem (92 min).

Ao retratar a exploração sexual infantil, o filme conta a história de Maria (Fernanda Carvalho), uma menina de 12 anos que é abusada e forçada a se prostituir no interior da Floresta Amazônica. Após meses nessas condições, a menina consegue fugir, mas a prostituição continua fazendo parte de sua vida. A história é construída com base em relatos e reportagens veiculados na imprensa sobre a questão e consegue nos colocar diante de uma realidade vivida, de fato, por muitas crianças e adolescentes no país.

### ▶ **Lolita**

De Adrian Lyne. EUA e França, 1997. Longa-metragem (137 min).

Baseado no romance homônimo do escritor russo-americano Vladimir Nabokov, a história apresenta a obsessão de um professor universitário por uma adolescente. O filme retrata toda uma atmosfera de sedução e erotismo, tratando-se de um romance entre um homem e uma menina sedutora e hipersexualizada – a chamada ninfeta. Contudo, é preciso ampliar o olhar de modo a observar a situação de abuso existente na relação entre um homem adulto e uma adolescente.

### ▶ **Preciosa: uma história de esperança**

*Precious* (título original), de Lee Daniels. EUA, 2009. Longa-metragem (110 min).

Clareece "Precious" Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente negra, moradora da periferia de Nova York, que foi sexualmente

violentada pelo pai e está grávida pela segunda vez. Preciosa alimenta sonhos, mas se vê descrente em relação ao próprio presente e futuro. Quando ingressa em uma escola alternativa, aos poucos, passa a romper o ciclo de opressão em que se encontra e a descobrir a própria voz. O filme nos provoca a refletir sobre o papel da escola, dos professores e da rede de proteção no cuidado às vítimas de violações de direitos ao oferecer o apoio necessário para que elas possam reconstruir seu projeto de vida, superando a situação de violência sofrida.

► **O lenhador**

*The Woodsman* (título original), de Nicole Kassell. EUA, 2004. Longa-metragem (87 min).

Após ter cumprido pena de doze anos de prisão por pedofilia, Walter (Kevin Bacon) está livre e se muda para um apartamento próximo a uma escola infantil. Ao expor a vulnerabilidade em que Walter e as crianças se encontram, o longa-metragem retrata a luta diária do protagonista para vencer a sua compulsão sexual. O filme leva o espectador a refletir sobre o fato de que apenas a responsabilização penal não é suficiente para que o abusador não volte a reincidir, uma vez que o enredo o coloca em contato com a humanidade e as angústias de um autor de violência sexual.

► **Violência contra crianças e adolescentes**

**Palavra Cruzada.** Fundação TV Minas Cultural, 26 abr. 2017. Programa de TV.

Debate com especialistas sobre o tema: Elvira Consedey, psicóloga e coordenadora do Fórum de Erradicação e Combate ao Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente; Viviane Mayrink, advogada; Shirley Barroso, jornalista da Rede Record Minas; e Wilson Gomes, jornalista da TV Alterosa.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_023](http://ftd.li/defenda-se_023) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

► **A ira de um anjo**

*Child of Rage* (título original). EUA, 1990. Documentário (27 min).

O documentário apresenta trechos do processo psicoterapêutico de uma criança (Elisabeth Thomas) de 6 anos que foi abusada sexualmente pelo pai biológico e, posteriormente, encaminhada para adoção. O filme discute os efeitos devastadores do abuso na primeira infância, mas também revela que as vítimas podem ser ajudadas no processo de superação da violência sofrida.

## Infâncias e adolescências

O que pensamos sobre a criança ou a infância? Quais são as nossas concepções sobre a adolescência e a juventude? **Infância** e **adolescência** são conceitos recentemente produzidos na História que ajudaram a transformar a maneira como a sociedade olha para essas fases peculiares e fundamentais da vida humana. A partir da concepção de adultos em miniatura, crianças e adolescentes passaram a ser vistos como sujeitos de direitos, produtores de conhecimento e cultura; pessoas em formação que são agentes e alvos de políticas públicas e que devem ser protegidos pela família, pela sociedade e pelo Estado.

### Publicações

As publicações indicadas a seguir vão ajudar você a compreender as diversas questões inerentes ao processo histórico de construção das ideias de infância e adolescência.

► **História da infância e direitos da criança:** edição especial

**TV Escola e Salto para o Futuro.** MEC/Secretaria de Educação a Distância, ano XIX, n. 10, 2009.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_024](http://ftd.li/defenda-se_024) (Acesso em: 13 jul. 2018.)

► **História social da criança e da família**

**Philippe Ariès.** Tradução de Dora Flaksman. LTC, 2004.

- ▶ **Juventude e adolescência no Brasil:** referências conceituais  
**Maria Virgínia de Freitas** (Org.). Ação Educativa, 2005.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_025](http://ftd.li/defenda-se_025) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Diálogos com o mundo juvenil:** subsídios para educadores  
**Ana Paula Corti e Raquel Souza.** Ação Educativa, 2004.

## Sexualidade e Educação em Sexualidade

A construção de um processo preventivo contra a violência e o abuso sexual envolve a elaboração de propostas que permitam o urgente desenvolvimento de uma cultura pautada pelo respeito à vida e pela igualdade de direitos. Desse modo, torna-se imperativo o conhecimento do que de fato significa a sexualidade humana e, com base nesse entendimento, das premissas necessárias para a promoção de propostas efetivas de Educação em Sexualidade que possibilitem a experiência da afetividade por meio de escolhas responsáveis e do cuidado consigo e com o outro.

### Publicações

Entre as publicações indicadas a seguir, estão relacionados, também, alguns manuais que discutem a questão da prevenção contra a violência e o abuso sexual com base na Educação em Sexualidade.

- ▶ **Sexualidade e educação sexual**  
**Ana Cláudia Bortolozzi Maia.** Acervo Digital da Unesp, 2014.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_026](http://ftd.li/defenda-se_026) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade:** uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde  
Tradução de Rita Brossard. Unesco, 2010.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_011](http://ftd.li/defenda-se_011) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro:** tópicos e objetivos de aprendizagem  
**Sylvia Cavasin, Thais Gava e Elizabete Regina Baptista.** Unesco, 2014.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_027](http://ftd.li/defenda-se_027) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Sexualidade:** quem educa o educador? Um manual para jovens, pais e educadores  
**Nelson Vitiello.** Iglu, 1997.
- ▶ **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade:** um guia para ação  
Fundação Ford - Brasil/Promundo, [s.d.].  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_028](http://ftd.li/defenda-se_028) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Sociologia da sexualidade**  
**Michel Bozon.** FGV Editora, 2004.
- ▶ **Saúde e prevenção nas escolas:** guia para a formação de profissionais de saúde e de educação  
**Brasil.** Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2006.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_029](http://ftd.li/defenda-se_029) (Acesso em: 13 jul. 2018.)

- ▶ **HQ SPE:** um guia para utilização em sala de aula: Histórias em quadrinhos: Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas  
Unesco/Ministério da Educação/Ministério da Saúde, 2010.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_030](http://ftd.li/defenda-se_030) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Educação sexual:** múltiplos temas, compromisso comum  
**Mary Neide Damico Figueiró** (Org.). UEL, 2009.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_031](http://ftd.li/defenda-se_031) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **Diversidade sexual nas escolas:** o que os profissionais de educação precisam saber  
**Luciana Kamel e Cristina Pimenta**. Abia, 2008.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_032](http://ftd.li/defenda-se_032) (Acesso em: 13 jul. 2018.)
- ▶ **A educação sexual no contexto da formação profissional**  
**Duarte Vilar e Elisabete Souto**. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2008.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_033](http://ftd.li/defenda-se_033) (Acesso em: 16 jul. 2018.)
- ▶ Fascículos **Adolescentes e jovens para a educação entre pares**  
Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Ministério da Saúde, 2010.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_034](http://ftd.li/defenda-se_034) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

## Audiovisuais



- ▶ **Ser jovem hoje:** Educação em Sexualidade  
Unesco, 2016. Vídeo (3 min).

Vídeo informativo sobre o papel da Educação em Sexualidade na vida dos jovens.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_035](http://ftd.li/defenda-se_035) (Acesso em: 17 jul. 2018.)

- ▶ **Sexualidade jovem**  
**Conexão Futura**. Canal Futura, 2016. Programa de TV.

O apresentador Cristiano Reckziegel conduz um debate sobre o papel da escola ao abordar as questões que envolvem a sexualidade dos adolescentes. Participam da discussão Ricardo de Castro e Silva, psicólogo e doutor em Educação; Luiza Xavier, estudante; e Maria Eduarda Samonteze Toledo, artista plástica.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_036](http://ftd.li/defenda-se_036) (Acesso em: 17 jul. 2018.)

- ▶ **Era uma vez outra Maria**  
Promundo, [s.d.]. Vídeo (20 min).

Destinado ao trabalho com mulheres jovens, o vídeo é uma animação de caráter educativo que leva o espectador a refletir sobre os processos de Educação em Sexualidade, como a socialização familiar ainda na infância, a transmissão dos valores e a organização dos papéis sociais de gênero. Com base nas situações vividas por Maria, é possível discutir a maneira como as meninas são educadas, inclusive em relação à própria sexualidade, e como se reproduzem algumas das principais desigualdades de gênero.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_038](http://ftd.li/defenda-se_038) (Acesso em: 17 jul. 2018.)

- ▶ **Minha vida de João**  
Promundo, [s.d.]. Vídeo (20 min).

A animação, de caráter educativo, oferece recursos para a discussão sobre o processo de construção da identidade de gênero do ponto de vista da masculinidade. A vida de João é mostrada desde a infância até a vida adulta, retratando a aquisição dos valores sociais do personagem, os papéis que são associados aos gêneros, além da descoberta da própria sexualidade ao chegar à adolescência. O vídeo também permite estabelecer uma discussão sobre a fase da adolescência, a contracepção e a prevenção de doenças e infecções sexualmente transmissíveis.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_038](http://ftd.li/defenda-se_038) (Acesso em: 17 jul. 2018.)



## Sexualidade: questões éticas

### Publicação

Sabemos que a abordagem da Educação em Sexualidade com crianças e adolescentes por vezes é permeada de desconforto, angústias e até mesmo de resistência, em razão, sobretudo, do desconhecimento da amplitude dos assuntos e valores que fazem parte de sua proposta. Desse modo, para esclarecer e compreender a sexualidade de forma mais aprofundada, especialmente para desfazer o sentimento de insegurança quanto à dimensão ética, moral e religiosa acerca das temáticas ligadas à sexualidade ou à Educação em Sexualidade, indicamos a leitura a seguir.

#### ► Valores fundamentais da sexualidade humana

**Maria Inês de Castro Millen.** Revista Vida Pastoral, ano 51, n. 275, p. 12-18, nov.-dez. 2010.

[http://ftd.li/defenda-se\\_039](http://ftd.li/defenda-se_039) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

## Como desenvolver processos de Educação em Sexualidade com crianças?

### Publicações

Quando começar? Por onde começar? O que fazer? Uma vez compreendidos o conceito e a importância da sexualidade e da Educação em Sexualidade, professores sentem-se mais seguros para elaborar propostas de atuação. A seleção de publicações a seguir explora algumas das principais questões acerca do trabalho com Educação em Sexualidade com crianças e adolescentes, visando à prevenção e ao empoderamento infantojuvenil.

#### ► Educação sexual para crianças de 0 a 10 anos: guia do professor

Centro de Orientação em Educação e Saúde, [s.d.].

[http://ftd.li/defenda-se\\_040](http://ftd.li/defenda-se_040) (Acesso em: 24 ago. 2018.)

#### ► Precisamos superar o mito de que a educação sexual pode erotizar crianças

**Tamiris Almeida.** Caleidoscópio, 17 maio 2018.

[http://ftd.li/defenda-se\\_041](http://ftd.li/defenda-se_041) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

#### ► Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: manual de orientação para educadores

**Childhood Brasil.** Cenpec/Childhood Instituto WCF Brasil, 2006.

[http://ftd.li/defenda-se\\_042](http://ftd.li/defenda-se_042) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

#### ► Como ensinar noções de consentimento a crianças e adolescentes

**Childhood Brasil,** 18 abr. 2016.

[http://ftd.li/defenda-se\\_043](http://ftd.li/defenda-se_043) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

#### ► Como e quando falar sobre sexualidade com as crianças

**Lais Modelli.** BBC Brasil, 14 fev. 2018.

[http://ftd.li/defenda-se\\_044](http://ftd.li/defenda-se_044) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

#### ► “Abuso sexual não acontece só com força física”, diz pedagoga

**Renata Penzani.** Lunetas, 17 jan. 2017.

[http://ftd.li/defenda-se\\_045](http://ftd.li/defenda-se_045) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

▶ **As 4 coisas que toda criança deveria aprender para “se proteger” de abusos**

Renata Mendonça. BBC Brasil, 27 abr. 2016.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_046](http://ftd.li/defenda-se_046) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

▶ **Precisamos falar sobre consentimento**

Beatriz Caitana e Vinícius Gallon. Gazeta do Povo, 12 maio 2017.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_047](http://ftd.li/defenda-se_047) (Acesso em: 27 jul. 2018.)

## Audiovisuais



▶ **Que corpo é esse?**

Canal Futura, 2018. Série de TV.

A série realizada pelo Canal Futura, com o apoio da organização Childhood e do Unicef, apresenta diversas situações do dia a dia de uma família brasileira, os Vila Cesar, em que o casal e seus filhos discutem temas relacionados aos direitos sexuais e à autoproteção de crianças e adolescentes.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_048](http://ftd.li/defenda-se_048) (Acesso em: 17 jul. 2018.)

▶ **How to practice safe sexting [Como praticar o sexting de maneira segura]**

Amy Adele Hasinoff. TED Talks, 2017. Conferência (14 min).

Em conferência realizada para a TED Talks, a professora estadunidense Amy Adele Hasinoff analisa a questão do *sexting* em mídia de massa do ponto de vista da educação, oferecendo soluções práticas sobre como indivíduos e empresas de tecnologia podem proteger arquivos digitais sensíveis.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_049](http://ftd.li/defenda-se_049) (Acesso em: 27 jul. 2018.)

## Gênero, educação e desigualdades

### O que é gênero?

Os dados sobre o perfil das vítimas da violência sexual apontam que meninas e mulheres são as que mais sofrem esse tipo de violência. Assim, percebemos que a violência é, também, expressão das desigualdades de gênero. É preciso, portanto, compreender e discutir, com crianças, adolescentes e a comunidade, o que significa **identidade de gênero** e como as desigualdades sociais operam, hierarquizando as relações sociais entre os gêneros, especialmente em detrimento do sexo feminino.

## Publicações



Existem muitas publicações que tratam da problemática da desigualdade de gênero. Indicamos, a seguir, algumas que podem auxiliar na compreensão do conceito e na discussão do processo pedagógico.

▶ **O que é gênero**

Dicionário de Direitos Humanos da ESMPU, [s.d.].

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_050](http://ftd.li/defenda-se_050) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

▶ **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**

Guacira Lopes Louro. Revista Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56), maio-ago. 2008.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_051](http://ftd.li/defenda-se_051) (Acesso em: 16 jul. 2018.)

- ▶ **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista  
**Guacira Lopes Louro.** Vozes, 2014.
- ▶ **Caderno de ferramentas:** promoção da equidade de gênero em ações com jovens e adolescentes  
**Danielle Araújo, Milena do Carmo, Mohara Valle e Norma Sá.** Promundo, 2017.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_052](http://ftd.li/defenda-se_052) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

## Audiovisuais



Os títulos indicados a seguir abordam alguns dos principais assuntos relacionados à expressão da violência sexual resultante de conflitos de gênero como desigualdade social entre homens e mulheres; identidade, orientação sexual homoafetiva e preconceito; intersexualidade – pessoas que nascem com os dois sexos biológicos –, transexualidade – pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico de nascimento e que recorrem a intervenções médicas durante o processo de construção da própria identidade – e seus desdobramentos sociais.

### ▶ **Acorda, Raimundo... Acorda!**

De Alfredo Alves. Brasil, 1990. Curta-metragem (16 min).

O curta apresenta as relações sociais de gênero com base na inversão de papéis sociais atribuídos a mulheres e homens: são os homens que engravidam, que se veem em relação de dependência das mulheres, que são responsabilizados pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os filhos etc. Essa inversão acaba por tornar mais perceptível a histórica desigualdade de gênero.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_053](http://ftd.li/defenda-se_053) (Acesso em: 19 jul. 2018.)

### ▶ **Eu não sou um homem fácil**

*Je ne suis pas un homme facile* (título original), de Eléonore Pourriat. França, 2018. Longa-metragem (98 min).

Damien é um publicitário de meia-idade com comportamentos machistas bastante comuns. Um dia, acorda num mundo em que os papéis de gênero estão invertidos: mulheres e homens vivem relações de opressão e dominação; mas, dessa vez, são as mulheres que ocupam o lugar de opressoras. Esse formato de abordar o assunto já foi realizado em outros trabalhos, inclusive pela mesma diretora. Mas o tempo e a atualidade de algumas discussões transformam a questão em ferramenta para fazer refletir sobre as desigualdades de gênero.

### ▶ **Meninos não choram**

*Boys Don't Cry* (título original), de Kimberly Peirce. EUA, 1999. Longa-metragem (118 min).

A personagem transgênero Teena Brandon, que se torna Brandon Teena ao assumir uma identidade masculina, vive numa pequena cidade dos Estados Unidos. Quando Brandon se apaixona por uma garota, com quem se envolve, sua identidade biológica é revelada e ele passa a sofrer com o ódio e a extrema violência, frutos da incompreensão sobre sua condição. O filme apresenta a narrativa a partir da perspectiva de uma pessoa transgênero, ampliando o olhar para os variados tipos de repressão que a pessoa nessa condição sofre por não conseguir corresponder às expectativas sociais sobre sua identidade.

### ▶ **XXY**

De Lucía Puenzo. Argentina, Espanha e França, 2007. Longa-metragem (86 min).

O filme conta a história de Alex, um adolescente intersexual que cresceu com a família numa pequena cidade e teve suas questões e conflitos mantidos sob controle e silêncio até a chegada da adolescência, quando começa a descobrir e a perceber a própria sexualidade ao se interessar por um rapaz de sua idade. O longa-metragem ajuda a ampliar a reflexão sobre algumas das complexas questões inerentes à identidade e sexualidade humana.

### ▶ **Transamérica**

*Transamerica* (título original), de Duncan Tucker. EUA, 2005. Longa-metragem (103 min).

Bree Osbourne, transgênero prestes a realizar a cirurgia de readequação sexual, descobre que é o pai biológico e único familiar de

um adolescente recém-saído da prisão em Nova York. Bree parte, então, em busca do garoto sem revelar sua verdadeira identidade e o convence a acompanhá-la a Los Angeles, onde vive. O filme apresenta a questão da transexualidade e seus desdobramentos sociais, assunto, por vezes, distante da realidade da maioria das pessoas.

▶ **Identidade, sexualidade e gênero na escola**

**Conexão Futura.** Canal Futura, 2015. Programa de TV.

O programa apresenta um debate entre profissionais e especialistas sobre o papel da escola na discussão da questão de identidade, sexualidade e gênero. Participam da conversa: Constantina Xavier, professora do curso de Pedagogia e mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Fernando Pocahy, professor de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); e o repórter Wellington Soares, da revista **Nova Escola**.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_054](http://ftd.li/defenda-se_054) (Acesso em: 19 jul. 2018.)

▶ **Quando os homens mudam**

Promundo, [s.d.]. Vídeo (4 min).

O vídeo apresenta a importância do engajamento dos homens no processo de luta contra as desigualdades de gênero.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_055](http://ftd.li/defenda-se_055) (Acesso em: 19 jul. 2018.)

▶ **O desafio da igualdade**

Plan International Brasil, 2016. Vídeo (2 min).

Uma animação que aborda a discussão sobre educação para a igualdade de gênero.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_056](http://ftd.li/defenda-se_056) (Acesso em: 19 jul. 2018.)

## A culpa é da vítima?

### Publicação

Ao acompanhar a discussão sobre gênero, é preciso compreender a questão da chamada “cultura do estupro”, que dissemina na sociedade a culpabilidade das vítimas, justificando a ação dos agressores. A reportagem indicada a seguir ajuda a compreender o assunto.

▶ **6 coisas que você precisa entender sobre a cultura do estupro**

**Isabela Moreira.** Galileu, 1º jun. 2016.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_057](http://ftd.li/defenda-se_057) (Acesso em: 19 jul. 2018.)

## Educar para a igualdade de gêneros

### Publicações

Educar para a igualdade de gêneros pressupõe a quebra de estereótipos, preconceitos e misoginia e a discussão das desigualdades para se construir uma cultura de não violência, de respeito mútuo e de igualdade entre as pessoas. As publicações apresentadas a seguir abordam algumas das possibilidades de promoção da educação para a igualdade de gêneros na escola.

▶ **Como trabalhar a igualdade de gênero na escola**

**Thais Paiva.** Carta Educação, 8 mar. 2017.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_058](http://ftd.li/defenda-se_058) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

▶ **7 maneiras de falar sobre questões de gênero na escola**

Porvir, 6 nov. 2015.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_059](http://ftd.li/defenda-se_059) (Acesso em: 23 jul. 2018.)



- ▶ **Educar para a diversidade:** um guia para professores sobre orientação sexual e identidade de gênero  
rede ex aequo – Associação de Jovens LGBTI e Apoiantes, 2009.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_060](http://ftd.li/defenda-se_060) (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Gênero fora da caixa:** guia prático para educadores e educadoras  
**Instituto Sou da Paz.** Projeto Juventude, Gênero e Espaço Público, 2011.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_061](http://ftd.li/defenda-se_061) (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Trabalhando com mulheres jovens:** empoderamento, cidadania e saúde  
Promundo, Salud y Género, ECOS, Instituto Papai e World Education, 2008.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_062](http://ftd.li/defenda-se_062) (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Sexualidade e saúde reprodutiva**  
Promundo, ECOS, Instituto Papai, Salud y Género, [s.d.].  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_063](http://ftd.li/defenda-se_063) (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Diferentes, não desiguais**  
**Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura.** Reviravolta, 2016.
- ▶ **Gênero, direitos e diversidade sexual:** trajetórias escolares  
**Eliane Rose Maio e Crishna Mirella de Andrade Correa (Org.).** Eduem, 2013.
- ▶ **História do masculino e do feminino**  
**Rose Marie Muraro.** Zit, 2007.
- ▶ **A dominação masculina**  
**Pierre Bourdieu.** Bertrand, 1999.

## Masculinidades em discussão

### Publicações

As publicações apresentadas a seguir exploram a ideia de que existem diversas formas hierarquizadas de expressão da masculinidade. Para mudar a realidade social que produz a violência sexual, é preciso refletir sobre a educação, sobretudo a dos meninos, e a dimensão da masculinidade na construção da identidade do estudante.

- ▶ **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito  
**Robert W. Connell e James W. Messerschmidt.** Revista Estudos Feministas, 21(1): 424, jan.-abr. 2013.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_064](http://ftd.li/defenda-se_064) (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Ser menino, ser aluno:** um estudo de caso de um garoto “problemático” da Austrália  
**Adriano Senkevics.** Blog Ensaios de Gênero, 13 mar. 2014.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_065](http://ftd.li/defenda-se_065) (Acesso em: 23 jul. 2018.)
- ▶ **Masculinidade, sexualidade e estupro:** as construções da virilidade  
**Lia Zanotta Machado.** Cadernos Pagu, n. 11, 1998.  
🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_066](http://ftd.li/defenda-se_066) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

## Temas correlatos


### Direitos humanos

A violência sexual é um tipo de violação contra os direitos humanos. Para além de compreender seu conceito e origem, é preciso problematizar e refletir sobre o processo de educação em direitos humanos, que se torna fundamental na construção de uma sociedade justa para todos.

#### Site

► **O que são os Direitos Humanos?**


**Nações Unidas no Brasil.**

 [http://ftd.li/defenda-se\\_067](http://ftd.li/defenda-se_067) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

#### Publicações

► **Educação em direitos humanos**

**Frei Betto.** Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, 1993.

 [http://ftd.li/defenda-se\\_068](http://ftd.li/defenda-se_068) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

► **Educação em direitos humanos:** diretrizes nacionais

**Brasil.** Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

 [http://ftd.li/defenda-se\\_069](http://ftd.li/defenda-se_069) (Acesso em: 23 jul. 2018.)


### Protagonismo juvenil

O processo de enfrentamento da violência e do abuso sexual exige a construção de propostas pedagógicas que compreendam os adolescentes como produtores de cultura e de conhecimento, capacitando-os, cada vez mais, a exercitar o protagonismo da própria cidadania. As indicações de publicações e sites a seguir abordam questões conceituais sobre a adolescência e a juventude e o papel de educadores no processo da construção do protagonismo juvenil.

#### Publicações


► **O que é protagonismo juvenil?**

**Branca Sylvia Brener.** Fundação Telefônica – Brasil, 2 dez. 2016.

 [http://ftd.li/defenda-se\\_070](http://ftd.li/defenda-se_070) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

► **Participação infantil:** opinar também é direito das crianças

**Mayara Penina.** Lunetas, 11 jul. 2016.

 [http://ftd.li/defenda-se\\_071](http://ftd.li/defenda-se_071) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

## Sites

### ► Boas práticas - Jovens atuantes

**Rede Peteca:** chega de trabalho infantil.

[http://ftd.li/defenda-se\\_072](http://ftd.li/defenda-se_072) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

### ► Observatório da Criança e do Adolescente

[http://ftd.li/defenda-se\\_073](http://ftd.li/defenda-se_073) (Acesso em: 23 jul. 2018.)

As seções seguintes deste guia apresentam orientações didáticas específicas para a sala de aula sobre o enfrentamento da violência e do abuso sexual.

- **Atividades propostas no livro** - orientações complementares para o uso da obra paradidática com os estudantes.
- **Atividades complementares: roteiros temáticos** - ampliam o trabalho do livro paradidático de acordo com a faixa etária dos estudantes conforme indicação da Unesco.
- **Apêndice** - sugestões de leituras temáticas e materiais audiovisuais para serem trabalhados em sala de aula.



## Atividades propostas no livro

Apresentamos, a seguir, algumas orientações e sugestões para o desenvolvimento das atividades propostas no livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**, que visam favorecer o importante trabalho de esclarecimento e empoderamento de estudantes e educadores na prevenção e no enfrentamento da violência e do abuso sexual de adolescentes. Como são questões delicadas e, muitas vezes, polêmicas, sugerimos que, antes de iniciar o trabalho com os adolescentes, você realize leituras e estudos sobre os conceitos específicos dessa discussão. Veja sugestões na seção **Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual**.

### Página 7

A atividade dessa página leva os estudantes a refletirem sobre a participação de adolescentes na transformação de sua comunidade. Segundo o pedagogo brasileiro Antonio Carlos Gomes da Costa, um dos principais colaboradores e defensores do ECA:

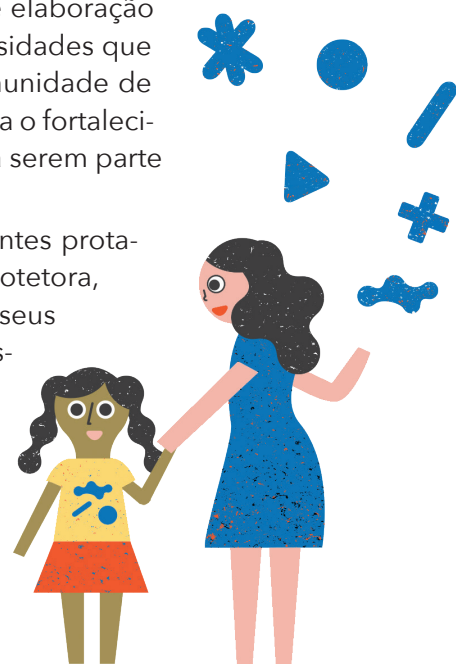
O protagonismo é uma forma de ajudar o adolescente a construir sua autonomia, através da geração de espaços e situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais [...], na escola, na comunidade e na vida social mais ampla.

[...] Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Portanto, trata-se de uma postura pedagógica visceralmente contrária a qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. São Paulo: FTD; Salvador: Fundação Odebrecht, 2006. p. 22-23.

Essa postura pedagógica deve estar presente no seu processo educativo, de modo que os adolescentes se percebam sujeitos de direitos, cuja voz precisa ser ouvida nas diversas esferas de participação (na família, na escola, na formulação de políticas públicas, na comunidade), capacitando-os para o exercício da cidadania. Muitas vezes, a voz dos jovens é abafada pela voz e vontade dos adultos. Portanto, favorecer o protagonismo juvenil implica ampliar o espaço de participação, de expressão de ideias e opiniões, de elaboração e construção de propostas acerca dos diversos assuntos e necessidades que perpassam a vida desses jovens, desde a sala de aula até a comunidade de que fazem parte. Esse processo de empoderamento contribui para o fortalecimento da autoestima, estimulando e encorajando adolescentes a serem parte ativa das transformações necessárias à sua volta.

No processo de enfrentamento da violência sexual, adolescentes protagonistas podem apresentar maior possibilidade de ação autoprotetora, além de auxiliar na formação, proteção e empoderamento de seus pares. Consulte outras possibilidades de reflexão e ampliação dessa discussão na seção **Atividades complementares: roteiros temáticos**.





## Página 9

Na atividade dessa página, temos a oportunidade de refletir com os estudantes acerca de alguns dos sentimentos subjacentes à questão da violência sexual do ponto de vista da vítima. Na condução desse tema, é importante que você retome as leituras sugeridas no item **A culpa é da vítima?** na seção **Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual**. Ajude os estudantes a perceberem que a vítima nunca é culpada pela violência sofrida. Medo, culpa, vergonha, angústia, tristeza e dúvida são alguns dos sentimentos envolvidos nessa situação em razão de ameaças e da dificuldade de entender e identificar a violência sofrida e o que fazer para romper com o ciclo de violência. Oriente a turma sobre como agir diante de uma situação de violência ou abuso sexual, isto é, estabelecer com alguém uma relação saudável de confiança e contar a ela o que aconteceu ou está acontecendo. Oriente-os, também, a utilizar os canais de denúncia apresentados na página **17** deste guia.



É preciso coragem para relatar ou fazer uma denúncia sobre abuso e violência sexual. Aproveite o caso relatado no livro para ajudar os estudantes a identificarem quem seria, para eles, uma pessoa de confiança. Esclareça que pode ser alguém da família ou outra pessoa do convívio social, como um professor. O mais importante é poder vencer o medo e pedir ajuda.

## Página 11

Na atividade dessa página, os estudantes deverão pesquisar, localizar e anotar dados sobre o Conselho Tutelar da região ou município em que vivem. Segundo o artigo 131 do ECA, o Conselho Tutelar é um órgão permanente e autônomo encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente previstos nesse estatuto. Ou seja, o Conselho Tutelar é um órgão público municipal autônomo que, uma vez criado, não pode ser extinto. Cada município precisa ter ao menos um, composto de cinco cidadãos eleitos pela comunidade. Cabe aos conselheiros a aplicação de medidas de proteção a crianças e adolescentes previstas no estatuto e também a responsabilização dos violadores dos direitos do menor de idade. É o Conselho Tutelar que encaminha ao Ministério Público os casos que demandam ações judiciais, daí a importância de professores, responsáveis e alunos conhecerem esse importante órgão e localizá-lo na região ou município em que vivem. Além do Conselho Tutelar, existem outros aparelhos sociais da rede de proteção que podem ser mapeados pelos estudantes e professores. Na seção **Atividades complementares: roteiros temáticos**, há sugestões de trabalho com o mapeamento e a disseminação de informações sobre a rede de proteção social.

## Página 35

Na atividade dessa página, os estudantes devem escolher um dos sete temas apresentados pelos personagens do livro durante a campanha de enfrentamento da violência e do abuso sexual na escola para realizar um levantamento de informações sobre o assunto e dividir os resultados com a turma e o professor.

A seguir, sugerimos algumas pistas de reflexão que podem ser utilizadas na orientação da atividade com os estudantes. Consulte no **Apêndice** deste guia alguns materiais que podem ser trabalhados com os adolescentes durante o levantamento de informações e discussão sobre os temas. Consulte também a seção **Atividades complementares: roteiros temáticos** para ampliar o debate.

TEMAS	PISTAS DE REFLEXÃO
<p><b>Tema 1</b> – Crianças precisam ser reconhecidas como cidadãs de direitos, capazes de se defender sem ter medo nem vergonha.</p>	<p>Ajude os estudantes a conhecerem melhor a Convenção dos Direitos das Crianças, os direitos humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente.</p>
<p><b>Tema 2</b> – Meninos e meninas têm direitos iguais e não devem ser discriminados.</p>	<p>Essa discussão é sobre a igualdade entre os gêneros. Ajude a turma a perceber conceitos como diferenças, diversidade, igualdade, desigualdade. Esse tema é trabalhado no <b>Eixo 1</b> das <b>Atividades complementares: roteiros temáticos</b>.</p>
<p><b>Tema 3</b> – Crianças e jovens devem conhecer e proteger seu corpo e sua imagem.</p>	<p>Apresente a importância da educação em sexualidade no âmbito familiar e escolar e ajude os estudantes a perceberem a importância desse tema para o conhecimento acerca de nós mesmos, do nosso corpo e da nossa autoproteção. Eles podem ainda pesquisar sobre as possíveis maneiras de crianças e adolescentes conhecerem a si mesmos e a se protegerem.</p>
<p><b>Tema 4</b> – Crianças e jovens nunca devem fornecer informações pessoais a desconhecidos nem usar mídias eletrônicas e redes sociais para se comunicar com estranhos.</p>	<p>Apresente aos estudantes o <i>site</i> Safernet<sup>17</sup> como fonte segura de informações sobre autoproteção na internet e, se possível, alguns materiais, como cartilhas e dicas de utilização saudável e segura da internet, para que possam construir seus conhecimentos acerca do assunto. No <b>Eixo 2</b> da seção <b>Atividades complementares: roteiros temáticos</b>, você encontra um roteiro com possibilidades de ampliar a discussão sobre esse tema.</p>
<p><b>Tema 5</b> – Crianças e adolescentes devem aprender a distinguir carinhos saudáveis daqueles que são agressivos ou abusivos e não devem aceitar presentes nem dinheiro em troca de qualquer manifestação de afeto.</p>	<p>É importante dedicar um tempo para a turma refletir sobre esse tema. Ajude os estudantes a identificarem e diferenciarem os tipos de toque – o que pode ser muito difícil, sobretudo quando o abuso não envolve violência e parte de pessoas próximas. Para enriquecer essa discussão, apresente o vídeo “É só carinho?” da série <b>Que abuso é esse?</b> (indicado no <b>Apêndice</b> deste guia). Explore com eles a ideia de consentimento. Incentive-os a formar uma roda de conversa para debater o significado de afetividade e a sua importância humana, diferenciando-a de exploração e abuso sexual, que envolve uma relação de troca de dinheiro ou presentes por favores. No <b>Eixo 2</b> da seção <b>Atividades complementares: roteiros temáticos</b>, você encontra um roteiro com atividades sobre o tema.</p>
<p><b>Tema 6</b> – Meninos e meninas precisam aprender a não aceitar caronas de estranhos. Nas férias e em feriados festivos, como Carnaval e festas juninas, é preciso ter atenção redobrada.</p>	<p>Férias, feriados festivos, como o Carnaval, e os grandes eventos esportivos são épocas do ano em que se observa uma elevação no número de crimes contra crianças; portanto, é preciso redobrar os cuidados e a atenção. Uma pesquisa sobre denúncias e crimes envolvendo violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes durante eventos como Carnaval, Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016 pode ajudar a turma a dimensionar o problema.</p>
<p><b>Tema 7</b> – Crianças e adolescentes devem conhecer e aprender a usar os canais de denúncia contra violência.</p>	<p>Para esse tema, consulte as orientações do item <b>Canais de denúncia</b> na seção <b>Rede de proteção</b> deste guia. Consulte também, na atividade do <b>Eixo 2</b> da seção <b>Atividades complementares: roteiros temáticos</b>, uma proposta de mapeamento da rede de apoio que pode ser acessada pelos adolescentes e suas famílias em caso de suspeita ou constatação de violência ou abuso sexual de menores.</p>

<sup>17</sup> Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_085](http://ftd.li/defenda-se_085)>. Acesso em: 27 jul. 2018.

## Página 43

Na atividade dessa página, os estudantes são chamados a refletir e a registrar opiniões e conhecimentos sobre o que significa autocuidado e como ele pode ser utilizado em benefício próprio. No campo da Enfermagem<sup>18</sup>, ou na área da Saúde, a noção do autocuidado remete à capacidade aprendida ao longo da vida pelos indivíduos de empreender ações dirigidas a si mesmos, que visam à saúde, ao desenvolvimento, à melhoria e à preservação do próprio bem-estar. Essas ações são dirigidas tanto para aspectos externos (quando, por exemplo, preservamos e cuidamos do meio ambiente) como internos (quando, por exemplo, optamos por hábitos alimentares saudáveis ou utilizamos o cinto de segurança nos veículos de transporte).

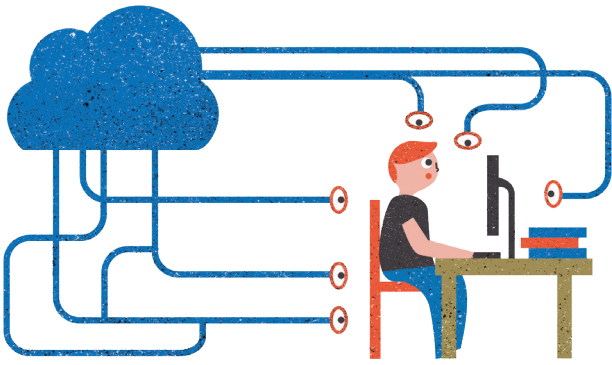
Cuidar de si é algo que se aprende ao longo da vida em conjunto com o desenvolvimento de conceitos positivos acerca de si mesmo, do fortalecimento da autoestima e do amor-próprio. A ideia do autocuidado remete, então, à necessidade de que os adolescentes desenvolvam atitudes de autoproteção fazendo escolhas responsáveis, evitando situações perigosas, conseguindo identificar fontes de apoio, quando necessário, e sabendo utilizar os canais de denúncia diante de situações de violação dos seus direitos. Diga aos estudantes que faz parte do processo do autocuidado aprender a dizer "não!" diante das situações que causam desconforto e também saber ouvir e respeitar o não consentimento do outro nas diversas situações do dia a dia.



## Página 48

A atividade dessa página traz à reflexão um tema fundamental na formação humana, mas que ainda causa certo desconforto: a promoção da educação em sexualidade com crianças e adolescentes. A sexualidade humana tem origem no nascimento e nos acompanha até o último momento da nossa vida. É graças a ela que nos conectamos afetivamente a outros humanos e, por meio disso, nos humanizamos. A sexualidade humana possui uma multiplicidade de dimensões que cooperam para as suas diferentes manifestações ao longo da vida, como os fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Promover a educação em sexualidade é falar de vida, amor, afetividade, saúde, cultura, comportamento, responsabilidade, cuidado e proteção, valores, projeto de vida, relações sociais e também do corpo e do sexo: cada um desses temas deve ser discutido de maneira adequada a cada faixa etária e etapa da vida dos estudantes. Ao olhar para a sexualidade humana de maneira natural e sem tabus, percebemos que a educação em sexualidade acontece na nossa vida mesmo quando não falamos sobre ela: ao omitir informações sobre a sexualidade humana, não estamos transmitindo a ideia de que se trata de um assunto inoportuno? Errado? Inadequado? Promover a educação em sexualidade implica capacitar crianças e adolescentes a conhecerem a si mesmos; a entenderem o próprio corpo e as mudanças que ele atravessa ao longo da vida; a desenvolverem a noção de autocuidado, autoproteção e apreço pelo cuidado com a própria saúde; a tomarem decisões saudáveis e responsáveis ao longo da vida, nos laços sociais e afetivos que venham a estabelecer; a incluírem a vivência responsável da sua afetividade no seu projeto de vida; a conseguirem construir relacionamentos sociais e afetivos pautados pelo respeito

<sup>18</sup> SILVA, Irene de Jesus et al. Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2009, 43(3): 697-703. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_086](http://ftd.li/defenda-se_086)>. Acesso em: 27 jul. 2018.



ao outro etc. É possível que, ao realizar essa atividade, alguns adolescentes se sintam constrangidos acerca do assunto ou tenham posicionamento contrário à promoção da educação em sexualidade. Portanto, é muito importante falar com os estudantes sobre a sexualidade humana e a sua importância para a prevenção do abuso e da violência sexual.

## Página 54

Na atividade dessa página, os estudantes deverão fazer um levantamento de medidas de auto-proteção durante o uso da internet. É importante reforçar o cuidado que se deve ter, inclusive, em relação à publicação de imagens e à interação nas redes sociais. A internet tornou-se um importante espaço de exercício de sociabilidade entre os jovens e também de experimentações do ponto de vista da sexualidade. No processo educativo acerca dos usos e cuidados na internet, é importante destacar a impossibilidade de controlar uma informação ou imagem depois que ela é colocada na rede. Dê esclarecimentos sobre termos como *sexting*, *sextorsão* e *bullying* virtual<sup>19</sup> e oriente-os a se proteger, a não praticar abuso contra outros adolescentes e a denunciar caso sejam vítimas ou se souberem de alguém que está enfrentando esse tipo de abuso. Consulte também o roteiro de atividade complementar do **Eixo 2**, na seção **Atividades complementares: roteiros temáticos**, dedicado à questão do uso da internet.

Reforce, ainda, que as redes sociais possuem políticas de uso, limitando a idade mínima para cadastro de usuários. Como essas regras tendem a sofrer alterações ao longo do tempo, pode-se pesquisar com os estudantes de que maneira cada rede social estabelece suas políticas promovendo um debate sobre questões éticas a respeito de limite de idade para fazer parte de serviços *on-line*. A grande questão hoje é que a internet é um espaço de interação social e de trocas afetivas. E isso não deve regredir; pelo contrário, vai se intensificar. Uma vez que a internet é um ambiente usado de maneira ilegal para tráfico de imagens e pornografia infantil, como proteger os adolescentes? A questão não está em proibir o uso da internet, ainda mais nessa fase da vida, e sim dar condições melhores de escolha para o adolescente, como criar em casa e na escola um ambiente seguro para que ele se sinta acolhido caso seja vítima de violência sexual *on-line*. O consentimento e a noção do que é privado e público são assuntos pertinentes a um debate. Os adolescentes são culpabilizados pela exposição na internet, mas que condições são dadas para que façam escolhas assertivas? É papel dos responsáveis abrir um diálogo em casa sobre a sexualidade. E a escola também pode contribuir. Caso aconteça algo na internet que cause desconforto ou mesmo uma ameaça ou convite vindo de uma pessoa estranha, oriente os estudantes a informarem algum adulto de confiança. Pedir ajuda também é uma forma de autoproteção.

## Página 60

A atividade dessa página sugere uma reflexão sobre projeto de vida e propõe a elaboração criativa de textos ou imagens acerca dessa reflexão. O projeto de vida aqui mencionado não faz

<sup>19</sup> Segundo a associação Safernet, **sextorsão** é a ameaça de divulgar imagens íntimas obrigando a vítima a fazer algo contra a sua vontade; **sexting** é "uma forma de expressar a sexualidade, na qual adolescentes e jovens usam a internet e seus aparelhos celulares para produzir e publicar fotos sensuais de seus corpos (nus ou quase nus). Envolve também a troca de mensagens de texto eróticas, com convites e brincadeiras sexuais entre namorados(as), pretendentes e/ou amigos(as)"; e **bullying virtual** ou **cyberbullying** compreende a prática da intimidação virtual. Para mais informações a respeito desses conceitos, acesse o site Adolescentes da associação Safernet. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_087](http://ftd.li/defenda-se_087)>. Acesso em: 27 jul. 2018.



referência apenas às escolhas profissionais, como muitas pessoas acreditam. A profissão ou o trabalho é apenas um dos aspectos de um conjunto de dimensões que compõem a nossa vida e que também envolvem a saúde, a espiritualidade, as relações sociais, o lazer, a afetividade etc. Construir um novo projeto de vida significa poder reconstruir ou assumir novos objetivos, encontrar novas possibilidades, novos sonhos com vista a uma vida plena e feliz.

Superar uma experiência de violência sexual é um processo muito difícil, mas deve-se cuidar para que não se torne ainda mais complicado, sobretudo para a vítima. Nesse sentido, é preciso esclarecer que, apesar da violência sofrida, é possível reconstruir o próprio projeto de vida, superando a situação vivenciada. Ajude a turma a perceber que muitas são as situações difíceis que passamos ao longo da nossa existência: a perda de alguém querido, expectativas não atendidas sobre algum acontecimento, problemas de saúde, dificuldades financeiras e até experiências de violência são algumas das situações com que nos deparamos e que aprendemos a superar. Durante esse processo, em geral, contamos com o apoio de amigos, familiares, pessoas queridas e, também, de outros profissionais, como psicólogos e médicos. No caso da violência e do abuso sexual, tanto vítima como agressor precisarão contar com apoio para superar a situação. No caso do agressor, além de assumir a responsabilização social pela sua falta, é preciso assumir um processo educativo, de suporte psicossocial, para que entenda as consequências e os efeitos da violência sexual para a vítima, com o objetivo de reaprender a lidar com a própria sexualidade e não tornar a fazer novas vítimas, assumindo, igualmente, um novo projeto de vida.

### Páginas 62 e 63

Nas atividades dessas páginas, os estudantes têm a oportunidade de se expressar sobre o contato que tiveram com o tema durante o processo de leitura da obra. É uma boa chance de perceber se puderam elaborar novos conhecimentos ou se ampliaram conhecimentos anteriores. Do mesmo modo, pode ser um bom momento para aproveitar a história do livro e pensar na continuidade de ações para conscientização, esclarecimento e disseminação das aprendizagens sobre o tema. Aproveite o espaço para garantir a participação protagonista da turma! Consulte, na atividade do **Eixo 3** da seção **Atividades complementares: roteiros temáticos**, um roteiro com ideias que podem auxiliar os estudantes na elaboração de uma campanha de informação e enfrentamento da violência e do abuso sexual de crianças e adolescentes envolvendo a escola e a comunidade.





## Atividades complementares: roteiros temáticos

Os roteiros temáticos propostos a seguir pretendem, de forma complementar, contribuir para o desenvolvimento de um processo pedagógico de empoderamento de adolescentes na prevenção da violência e do abuso sexual, incentivando o fortalecimento da cidadania.

As atividades propostas podem ser desenvolvidas em parceria com professores de diferentes áreas. Contudo, é interessante que sejam lideradas por um único, do primeiro ao último roteiro, como forma de estabelecer vínculos com os estudantes.

Cada participante deve ser considerado um possível multiplicador de conhecimentos, tendo em vista que, na adolescência, o grupo de amigos se configura como importante espaço de partilha de experiências pessoais e, por vezes, de conhecimentos.

Os roteiros complementam, aprofundam ou retomam conhecimentos construídos ao longo da leitura do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**. Eles partem de um conjunto de conceitos abordados na narrativa em relação à prevenção e ao enfrentamento da violência e do abuso sexual: gênero, direitos, protagonismo juvenil e participação comunitária.

A elaboração das atividades teve como base ações e propostas presentes em diversos materiais e guias formulados por organizações não governamentais, órgãos públicos, entre outros, sobre questões de gênero, sexualidade e prevenção<sup>20</sup>. Ajuste a proposta de acordo com sua criatividade, disponibilidade, recursos e, sobretudo, com as características da turma, da escola e da comunidade.

Os roteiros foram estruturados em três eixos temáticos, cada um composto de dois roteiros. Para cada eixo, são apresentados objetivos e conceitos-chave, selecionados de documento elaborado pela Unesco<sup>21</sup>. Cada roteiro é composto de atividades de abertura, aquecimento, ampliação da discussão, boca no trombone (proposta de disseminação de conhecimentos) e avaliação. Ele pode ser desmembrado em atividades que tomem menos tempo, além de dar origem a outros encontros e/ou atividades com base no interesse da turma.

Para otimizar o aproveitamento das atividades, é importante dedicar especial atenção às seguintes orientações:

### ► **Estudar conceitos e orientações apresentados.**

Antes de desenvolver as atividades sugeridas, recomendamos a leitura dos conceitos e textos apresentados na seção **Formação para o enfrentamento da violência e do abuso sexual** e a realização de pesquisa sobre assuntos que possam gerar dúvidas. Esse processo ajudará na ampliação de conhecimentos importantes para o trabalho de prevenção da violência e do abuso sexual com crianças e/ou adolescentes e de seu enfrentamento.

<sup>20</sup> As referências completas desses documentos podem ser encontradas na seção **Apêndice**. Eles oferecem propostas de reflexões e temas gerais e específicos relacionados a diversas questões.

<sup>21</sup> As propostas dos roteiros foram elaboradas com base no documento **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem, publicado pela Unesco em 2014. A Unesco recomenda que os conceitos-chave sejam selecionados pelo educador de acordo com o perfil do público-alvo. Neste guia, classificamos os conceitos-chave com base nas idades geralmente esperadas para os Anos Finais do Ensino Fundamental: 11 e 12 anos e 13 e 14 anos.

► **Conhecer todas as propostas, adaptando-as e/ou criando novas.**

Este guia apresenta sugestões de atividades passíveis de adaptação conforme a realidade de cada região, escola ou turma. É importante ler e conhecer antecipadamente todas as atividades para definir a melhor forma de desenvolvê-las.

► **Criar um clima de confiança mútua, empatia.**

É possível que, ao longo do processo de reflexão, os adolescentes queiram compartilhar experiências pessoais relacionadas ou não a algum tipo de vitimização por violência ou abuso sexual. Nesse momento, a acolhida e a escuta empática são de fundamental importância para que se sintam seguros e confiantes para realizar o relato. Para isso, recomendamos:

- Trabalhar com os estudantes em círculos<sup>22</sup>. Essa disposição favorece o diálogo e a escuta, pois permite que todos os componentes do grupo se vejam, fortalecendo o sentido de comunidade.
- Utilizar, se preciso, um objeto para marcar e organizar os momentos de fala: quem estiver de posse do objeto tem a oportunidade de falar e de ser ouvido por todo o grupo. Mais do que um exercício de fala, trata-se de um importante exercício de escuta. O objeto pode ser previamente definido ou escolhido pela turma; o importante é que todos o reconheçam como tal.
- Combinar com o grupo que as situações e informações relatadas na atividade não devem ser comentadas com outras pessoas, estimulando um ambiente de confiança, em que todos se sintam à vontade para se expressar livremente. Reforce que não é necessário compartilhar segredos ou assuntos pessoais delicados. Nesses casos, coloque-se à disposição para uma conversa privada depois da atividade. Se for procurado, é importante manter a calma, acolher o adolescente por meio de escuta empática<sup>23</sup> e, se necessário, providenciar encaminhamento. De acordo com os princípios da comunicação não violenta, a escuta empática é a capacidade de ouvir sem tecer nenhum tipo de julgamento, sem tentar dar respostas imediatas ou ansiosas e sem desmerecer ou desqualificar o que o outro sente. Na seção **Rede de proteção**, há orientações e sugestões de outras leituras sobre como proceder em caso de constatação de situações de violência ou abuso sexual.
- Incentivar e retomar, sempre que necessário, acordos e combinados sobre a escuta atenta e respeitosa, lembrando que não é necessário concordar com o que é dito, mas que é preciso respeitar o direito de cada pessoa expressar sua opinião.

► **Incentivar a corresponsabilidade pelo processo.**

Distribua tarefas sempre que possível e estabeleça outros acordos e combinados necessários para a realização das atividades e reflexões.

---

<sup>22</sup> Para saber mais sobre processos circulares, consulte o **Guia de práticas circulares no coração da esperança**, disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_076](http://ftd.li/defenda-se_076)>. Acesso em: 18 jul. 2018.

<sup>23</sup> ROSENBERG, M. B. **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

► **Não ter medo de dizer “não sei” e de pesquisar.**

Em caso de dúvidas ou desconhecimento de informações trazidas pelos adolescentes, explique que buscará a informação e que a resposta será dada em outro momento. Busque, então, apoio para oferecer a resposta (converse com alguém, pesquise), mas não deixe de dar um retorno.

É necessário ouvir as dúvidas e os questionamentos com calma e, antes de responder a eles ou comentar alguma questão, compreender com clareza a situação relatada. Para isso, recomendamos refazer a pergunta, verificar de onde vem a dúvida ou do que de fato o adolescente está falando e só então responder de maneira adequada, isto é, com linguagem clara e de forma objetiva.

► **Envolver, se possível, a comunidade escolar na campanha contra a violência e o abuso sexual.**

Sensibilizar famílias, outros professores, gestores e demais integrantes da comunidade escolar é uma ação importante para o êxito do processo. Nesse sentido, recomendamos a realização de palestras com especialistas para esclarecimento de diversos assuntos que compõem a questão, além de reuniões com familiares e responsáveis pelos estudantes a fim de apresentar a proposta de trabalho, os objetivos e as ações pensadas ou programadas, distribuição de material informativo (cartazes, panfletos, pôsteres), entre outras possibilidades.

## Eixo 1 - O direito de ser quem sou

No livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**, a narradora é a personagem Luciana, de 14 anos. Ela conta a mobilização ocorrida em sua comunidade em uma ação de enfrentamento de violência e abuso sexual. A personagem mostra aos leitores que é possível haver uma adolescência atuante e protagonista. O processo de ampliação e aprofundamento das ideias apresentado no livro tem início com a discussão da adolescência e da identidade de gênero. O protagonismo juvenil é construído também com base no autoconhecimento, nas concepções positivas sobre si mesmo e na descoberta das próprias capacidades. Assim, este eixo norteia reflexões sobre identidade, adolescência e diversidade, ou seja, sobre o direito de cada pessoa ser como é e de ser respeitada por isso.

A entrada na adolescência inaugura uma fase de muitas mudanças biológicas, psíquicas e sociais, que se estende até a entrada na vida adulta, aos 18 anos. Dessa forma, é preciso abrir espaço para a compreensão dessa fase, geralmente conturbada da vida, incentivando o diálogo, a construção de valores e a descoberta de si, de modo a promover o fortalecimento da autoestima, do autocuidado e do cuidado com o outro nas relações sociais. Fazem parte da discussão sobre identidade e diversidade a dimensão do gênero e a reflexão sobre as desigualdades de gênero que se perpetuam na cultura e nas relações entre meninas, meninos e transgêneros. A violência e o abuso sexual configuram, de certa forma, uma expressão dessas desigualdades. Os conceitos-chave oferecem temas para discussões que permitem aos adolescentes questionar estereótipos de gênero, desconstruir preconceitos, fortalecer valores e rever papéis nas relações sociais.

Este eixo é dividido em dois roteiros: no **Roteiro 1**, serão discutidos o significado do gênero e o estatuto das diferenças, introduzindo a noção de construção das desigualdades a partir da hierarquização das diferenças, com olhar especialmente voltado para as masculinidades. No **Roteiro 2**, serão debatidos papéis sociais e estereótipos de gênero, com foco no questionamento das desigualdades e nas possibilidades da sua eliminação. Ambos estão relacionados à atividade proposta na página **35** do livro.

**Temas para discussão:** adolescência, diversidade, gênero, papéis sociais de gênero, educação para a igualdade de gêneros, direitos humanos.

OBJETIVO	CONCEITOS-CHAVE <sup>24</sup>
<p>Propiciar a compreensão sobre gênero, sexo e sexualidade e discutir como as normas sociais de gênero limitam as vivências de homens e mulheres e devem ser problematizadas.</p>	<p><b>11 e 12 anos</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As normas sociais e culturais influenciam as expectativas de gênero.</li> <li>• Estereótipos de feminilidade associam às mulheres características como passividade, afetividade, fragilidade, emotividade e habilidade para cuidar.</li> <li>• Estereótipos de masculinidade associam aos homens características como agressividade, força, objetividade, racionalidade, competitividade e habilidade para a vida pública.</li> <li>• Os estereótipos relacionados ao feminino e ao masculino limitam as vivências de homens e mulheres.</li> <li>• Existem desigualdades de gênero em famílias, relacionamentos amorosos, amizades, comunidades e sociedade.</li> <li>• Todas as pessoas são responsáveis por superar a desigualdade de gênero.</li> <li>• Os direitos humanos promovem a igualdade entre todas as pessoas.</li> </ul>
	<p><b>13 e 14 anos</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os estereótipos de gênero influenciam de forma negativa a vida das pessoas.</li> <li>• Os valores pessoais muitas vezes reforçam o preconceito, a discriminação e a violência de gênero.</li> <li>• A igualdade de gênero promove uma tomada de decisão equânime em relação ao comportamento sexual e ao planejamento reprodutivo.</li> <li>• Padrões de comportamento diferentes e desiguais às vezes são aplicados a homens e mulheres.</li> </ul>

<sup>24</sup>As informações das tabelas de objetivos e conceitos-chave deste guia reproduzem informações do documento **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília, DF: Unesco, 2014. p. 21. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_027](http://ftd.li/defenda-se_027)>. Acesso em: 24 ago. 2018.



## Roteiro 1 Gênero e diferenças

- ✓ **Tempo previsto:** aproximadamente 2h.
- ✓ **Espaço físico:** sala de aula ou ambiente que permita a movimentação dos participantes.
- ✓ **Recursos necessários:** equipamentos de áudio e vídeo, papéis coloridos, cartolina, rolo de papel pardo ou branco, materiais de desenho (lápis preto e de cor, canetas hidrográficas, pincel atômico, entre outros), revistas variadas, tesoura de ponta arredondada, fita adesiva ou cola branca.
- ✓ **Abertura** (20 min): com os estudantes dispostos em círculo, apresente o objetivo da atividade, ressaltando que os assuntos a serem discutidos contribuem para o autoconhecimento, para a compreensão da adolescência e para o desenvolvimento da coragem e da segurança, necessárias à autoproteção contra riscos e violências, em especial a sexual. Aproveite para estabelecer combinados, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade. Anote os combinados de modo que possam permanecer visíveis para todos durante as atividades.
- ✓ **Aquecimento** (40 min)<sup>25</sup>: divida a turma em dois grupos, que podem ser mistos ou só de meninos ou de meninas. Cada grupo deve desenhar um personagem masculino e um personagem feminino com idades entre 11 e 14 anos. O desenho pode ser feito utilizando como base o contorno do corpo de um dos participantes. Depois de criar um personagem (feminino ou masculino), devem-se definir nome, idade, preferências, o que mais gosta de fazer, conferindo-lhe uma identidade adolescente. O desenho deve ser feito com o maior número de detalhes possível: roupas, sapatos acessórios etc. Controle o tempo e ajude-os na realização da atividade. Se preferir, divida a turma em mais grupos. Peça aos participantes do grupo que escrevam, em volta do desenho de cada personagem, palavras ou frases sobre ser adolescente, como “Ser adolescente é gostar de música”. Com estudantes de faixa etária menor, discuta o que eles acreditam ser a adolescência. Disponha os desenhos de maneira que todos possam visualizá-los. Peça que observem os detalhes, as características, as diferenças e semelhanças entre os personagens. Finalize o momento de observação, apresentando a adolescência como uma fase de amadurecimento do corpo, de mudanças de sentimentos, de transformação nas formas de compreender o mundo e as pessoas, muito importante no processo de crescimento humano. É também uma época de muitas descobertas, principalmente sobre o próprio corpo, a afetividade e a sexualidade. Ter clareza de quem somos e do que é importante para nós e perceber a importância de cuidar de nós mesmos e dos outros são questões fundamentais para um crescimento saudável e feliz.
- ✓ **Ampliando o assunto** (40 min): pergunte à turma o que significa ser menina e o que significa ser menino. Distribua revistas e anúncios de brinquedos<sup>26</sup> e peça aos estudantes que recortem e cole próximo dos desenhos dos personagens masculinos e femininos os produtos destinados a meninos/homens e os produtos destinados a meninas/mulheres. Questione os participantes sobre os objetos recortados propondo a seguinte reflexão: que comportamentos esperamos das meninas quando lhes atribuímos esses objetos? Que comportamentos esperamos dos meninos quando

<sup>25</sup> Fonte de pesquisa: FONSECA, V. N.; NASCIMENTO, M.; PIZZI, B. **Pelo fim da exploração sexual:** o que os homens podem fazer? Manual para sensibilização de adolescentes de 10 a 14 anos. Rio de Janeiro: Promundo, 2008. p. 60-62. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_088](http://ftd.li/defenda-se_088)>. Acesso em: 24 ago. 2018.

<sup>26</sup> Fonte de pesquisa: ARAÚJO, D.; DO CARMOS, M.; VALLE, M. e SÁ, N. **Caderno de ferramentas:** promoção da equidade de gênero em ações com jovens e adolescentes. Rio de Janeiro: Promundo/ Instituto Stimulu/Galpão Aplauso. 2017. p. 21. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_110](http://ftd.li/defenda-se_110)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

lhes atribuímos esses objetos? Pergunte novamente o que significa ser menina e o que significa ser menino. Anote as respostas em tiras de papel com a ajuda dos estudantes e cole-as próximo dos desenhos dos personagens. Proponha nova observação dos personagens: desenhos, recortes, palavras e frases que representam, de certa maneira, o que é ser menina e o que é ser menino. Pergunte se há características atribuídas às meninas que poderiam ser atribuídas aos meninos e vice-versa, se há objetos considerados próprios de meninas que poderiam ser utilizados por meninos e vice-versa. Essa é uma ótima oportunidade para que os estudantes percebam as diferenças entre sexo biológico e gênero. Explique que, em geral, as únicas características de homens que não podem ser atribuídas às mulheres, e vice-versa, são as que dizem respeito ao sexo biológico. As características que podem ser atribuídas a ambos dizem respeito ao gênero.

✓ Converse com a turma sobre estereótipos de gênero e sobre o que, em geral, acontece quando alguém apresenta comportamentos e identidade diferentes dos que são considerados “corretos” pela sociedade para o sexo com o qual nasceu. Explique que há muitas formas de ser menino ou menina, de ser homem ou mulher em cada cultura, e isso muda ao longo do tempo. Comente que há pessoas que se identificam com as características e com os papéis atribuídos ao seu gênero de forma correspondente ao sexo biológico com o qual nasceram. Há também pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico com o qual nasceram. São as pessoas consideradas transgêneros. Conclua a reflexão apresentando o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.**  
Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_089](http://ftd.li/defenda-se_089)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Reforce que todas as pessoas precisam se sentir felizes como são e devem ser respeitadas. Comente que infelizmente isso nem sempre acontece. A violência e o abuso sexual são graves violações do direito humano à vida e à dignidade. Esse tipo de violência, geralmente, ocorre porque, em nossa sociedade, mulheres, crianças e adolescentes são considerados fracos e/ou menos importantes do que os homens e adultos. Essa visão expressa a ideia de desigualdade entre as pessoas e precisa ser combatida. Todas as pessoas são importantes! Finalize a discussão retomando alguns conceitos-chave deste eixo, enfatizando a ideia de que o machismo e as desigualdades de gênero prejudicam principalmente meninas e mulheres. Explique que meninos e homens também sofrem prejuízos. Cite como exemplo dados sobre mortes no trânsito e a diferença entre a expectativa de vida de homens e mulheres, além de outros dados que julgar convenientes. Destaque a importância de exercer o direito de ser quem somos. Apesar da pressão social, podemos encontrar o nosso jeito de ser e respeitar as pessoas como são.

✓ **Boca no trombone** (10 min): reflexões tão importante não podem ficar restritas à sala de aula. Convide os estudantes a escreverem em cartões textos breves com o tema **O direito de ser quem sou**. Eles podem compor uma exposição ou mural com o mesmo título, que pode ser organizada em local da escola em que haja grande circulação: mural no pátio, corredor, do lado de fora da sala de aula. Os cartões devem ter cores chamativas e formatos diferentes, e os textos devem ser visíveis e escritos com canetas hidrográficas coloridas. O recorte dos cartões e a escolha do local da exposição podem ser feitos pela turma. O objetivo é que os estudantes escrevam direitos e reivin-

dicações de meninos e meninas. É possível, por exemplo, partir da conclusão da discussão sobre o que é ser menino<sup>27</sup>. Oriente meninos e meninas na escrita dos textos e incentive-os a romper com os estereótipos de gênero que reforçam as desigualdades. A escrita pode ser poética, divertida, reivindicatória, entre outras, mas precisa expressar uma mensagem que reforce o direito ao respeito e à igualdade. Compartilhar aprendizados e promover a conscientização e uma reflexão sobre esse assunto é de extrema importância para a construção de uma sociedade mais respeitosa.

✓ **Avaliação** (10 min): agradeça a participação dos estudantes, peça que expressem como se sentiram durante as atividades e coloque-se à disposição caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto. Oriente-os, sempre que necessário, a pedir a ajuda de pessoas em quem confiem ou a utilizar canais oficiais: Disque 100, Conselho Tutelar, entre outros. Se julgar conveniente, disponibilize na sala um cartaz com essas informações.

## Roteiro 2 Gênero e desigualdades

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h30 a 2h.
- ✓ **Espaço físico:** sala de aula ou ambiente que permita a movimentação dos participantes.
- ✓ **Recursos:** equipamentos de áudio e vídeo, itens para simbolizar a premiação (material escolar, frutas, balão de ar etc.), papel pardo ou outro, tiras de papel branco ou colorido, fita adesiva, cartões coloridos em formato de fruta e papéis brancos em formato de gota de água.
- ✓ **Abertura** (10 min): resgate os acordos e combinados feitos anteriormente e acrescente outros. Se for o caso, aproveite para retomar o livro ou o conceito de gênero e a questão do machismo e da masculinidade.
- ✓ **Aquecimento** (30 min): peça aos estudantes que se disponham em círculo e deem as mãos. Avise que eles não poderão soltar as mãos até que sejam avisados. Diga a um aluno para soltar a mão do colega e encaminhe-o, puxando a fila com você. Passe por baixo e por cima das mãos dos outros estudantes, entrelaçando a fila até formar um emaranhado com todos os participantes ainda de mãos dadas. Quando considerar suficiente, estabeleça o desafio: a turma deve desmanchar o nó humano e formar novamente o círculo sem soltar as mãos. No final, distribua o prêmio em números diferentes para meninos e meninas, por exemplo, duas frutas para cada menino e apenas uma fruta para cada menina. Observe as reações e os comentários sobre a distribuição desigual dos prêmios. Explique que os meninos ganharam mais prêmios porque são meninos. Acompanhe as reações, verificando se há discussão sobre injustiça e quais os argumentos apresentados. Observe os comportamentos dos meninos e das meninas. Se houver muito incômodo, incentive-os a pensar na maneira justa de redistribuir o prêmio. Se a turma ficar passiva diante da distribuição desigual, deixe para fazer comentários ao final do roteiro. Nosso objetivo é ajudar a tornar visível a dimensão das desigualdades entre homens e mulheres.

---

<sup>27</sup> O objetivo dessa proposta é discutir e disseminar noções sobre diferentes jeitos de ser. Nesse caso específico, a reflexão aborda outras formas de expressar a masculinidade, que se distanciam do estereótipo tradicional, que perpetua comportamentos agressivos, violentos e de dominação dos meninos/homens sobre as meninas/mulheres e outros gêneros.

✓ **Ampliando o assunto** (30 min): se julgar oportuno, apresente o vídeo **Igualdade de gênero**, produzido pela ONU Mulheres (disponível na internet). Ele apresenta de maneira rápida e didática alguns dados sobre desigualdades entre homens e mulheres. Pergunte como as meninas e os meninos se sentiram com a premiação da dinâmica feita na abertura da atividade e como se sentem diante dos dados que citam as desigualdades entre homens e mulheres no mundo. Peça que mencionem possíveis formas de mudar essa realidade. Proponha a realização da dinâmica **Árvore dos gêneros**<sup>28</sup>, para ajudar na visualização de como as desigualdades também se constroem no dia a dia. Organize previamente um tronco de árvore feito com papel pardo ou outro material. O ideal é que o resultado final seja uma árvore relativamente grande. Organize os participantes em grupos e distribua tiras de papel para cada um. Peça aos alunos que escrevam nas tiras informações e orientações explícitas e implícitas que lhes foram transmitidas desde a infância sobre ser menino e ser menina; por exemplo: menino não chora, boneca é brinquedo de menina, menina tem que sentar de perna fechada, rosa é cor de menina, menina é delicada, brigar é coisa de menino, lavar louça é coisa de mulher, toda mulher sabe cuidar de crianças, balé é coisa de menina... Eles devem fixar as tiras no tronco da árvore, representando suas raízes. Quando terminarem, leia para a turma todas as informações das tiras e proponha que reflitam sobre quem costuma transmitir essas informações e orientações: família, escola, religião, amigos e colegas, médicos, TV, propagandas, redes sociais etc.). Peça que escrevam em outras tiras de papel os principais agentes transmissores dessas informações. Elas serão coladas no tronco da árvore. Proponha uma discussão sobre as consequências de crescer ouvindo algumas das situações descritas nas raízes. Pergunte: o que acontece com um menino que cresce ouvindo que homem não chora? Como ele se comporta quando se sente triste? O que acontece com a menina que detesta balé e quer fazer artes marciais, mas cresce ouvindo que meninas têm de ser delicadas? Peça que escrevam as respostas nos cartões em formato de fruta e cole-os compondo a copa da árvore. Ao final, estabeleça um paralelo das informações coladas nas diferentes partes da árvore, explicitando que, na atividade, as situações expressas na copa, por vezes, decorrem de um processo de construção que vivemos desde a infância e é transmitido pela cultura do lugar onde vivemos, pelos valores da família, da escola, das instituições religiosas e dos meios de comunicação. Enfatize que são muitas as pressões sociais que nos distanciam uns dos outros e nos fazem acreditar que alguns são mais fortes, mais certos, melhores e mais importantes que outros. Reforce a ideia de que as pessoas são diferentes e precisam ter seus direitos igualmente respeitados e garantidos. Retome a ideia de que a violência e o abuso sexual vitimizam principalmente meninas e mulheres, expressando as desigualdades de gênero. Para encerrar, pergunte à turma o que pode ser feito para que as desigualdades entre homens e mulheres tenham fim. Anote as respostas nos cartões em formato de gota de água e oriente os estudantes a colá-los ao redor da árvore, como forma de expressar que essa realidade pode ser transformada. Esclareça que o feminismo não significa que as mulheres querem ser mais fortes ou melhores do que os homens. É um movimento de luta política pela igualdade entre as pessoas. O machismo, porém, carrega a ideia de superioridade dos homens. Enfatize a importância da participação dos meninos nessa luta pela igualdade de direitos.

✓ **Boca no trombone** (15 min): como forma de disseminar conhecimentos e reflexões, convide os estudantes a dar continuidade à exposição ou ao mural **O direito de ser quem sou**, produzindo novos cartões. Desta vez, eles devem expressar os direitos e as reivindicações das meninas/mulheres.

<sup>28</sup> Fonte de pesquisa: SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. **Cá entre nós**: guia de educação integral em sexualidade entre jovens. São Paulo, 2012. p. 22. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_090](http://ftd.li/defenda-se_090)>. Acesso em: 30 jul. 2018.



Oriente meninos e meninas no trabalho e incentive-os a escrever definições sobre ser menina que ajudem a romper com os estereótipos que reforçam desigualdades. A escrita pode ser poética, divertida, reivindicatória, entre outras, mas precisa expressar mensagem que enfatize o direito ao respeito e à igualdade de gêneros. É possível ampliar a atividade, sugerindo a produção de cartazes, tipo lambe-lambe, que podem ser colados nos muros do bairro em ação organizada no entorno da escola. Para colocar a ação em prática, é necessário obter autorização dos moradores e/ou proprietários dos estabelecimentos e informá-los sobre o objetivo da atividade.

✓ **Avaliação** (10 min): encerre propondo a realização de um momento em que o grupo expresse suas impressões sobre a atividade, o encontro, o assunto discutido. Peça aos estudantes que expressem como se sentiram durante as atividades e coloque-se à disposição, caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto.

## Eixo 2 - É preciso saber (con)viver!

Este eixo busca promover a reflexão sobre as relações afetivas, os valores e as atitudes necessárias para uma boa convivência e a segurança no uso da internet, como importante instrumento de informação e socialização. Nesse conjunto de discussões, compreender a questão do consentimento e da comunicação assertiva na vivência das relações interpessoais é fundamental para a percepção de situações de abuso, bem como para sua prevenção e enfrentamento. O **Roteiro 1** apresenta questões sobre comunicação, consentimento e identificação de situações de abuso. O **Roteiro 2** aborda o uso da internet, ressaltando os perigos e as contribuições dessa ferramenta de comunicação para a vida de crianças e adolescentes.

**Temas para discussão:** afetividade, consentimento, comunicação, segurança na internet.

OBJETIVOS	CONCEITOS-CHAVE
Demonstrar a importância do desenvolvimento de habilidades para a comunicação efetiva.	<b>11 e 12 anos</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A comunicação efetiva utiliza diferentes modos e estilos e pode ser aprendida.</li> <li>• A comunicação firme das ideias de sim e não pode ajudar a manter algum controle sobre a privacidade e a integridade corporal.</li> <li>• As normas rígidas de gênero podem afetar a comunicação entre as pessoas.</li> <li>• A negociação requer respeito, cooperação e compromisso mútuos.</li> <li>• Embora a assertividade seja importante, nem sempre é suficiente para controlar todas as situações relativas à nossa privacidade e integridade corporal. Nesses casos, existem canais de ajuda e apoio.</li> </ul>

OBJETIVOS	CONCEITOS-CHAVE
<p>Demonstrar a importância do desenvolvimento de habilidades para a comunicação efetiva.</p>	<p style="text-align: center;"><b>13 e 14 anos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A boa comunicação é essencial para as relações pessoais, familiares, amorosas, escolares, entre outras.</li> <li>• A comunicação efetiva pode ser dificultada por obstáculos.</li> <li>• As expectativas de gênero influenciam a negociação de relações sexuais mais protegidas.</li> <li>• A boa comunicação pode ajudar crianças e jovens a recusar pressões sexuais não desejadas e abuso por pessoas em posição de autoridade e outros adultos.</li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>11 e 12 anos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Existem diferentes formas de expressar amizade: abraços, carinhos, bilhetes, redes sociais.</li> <li>• As pessoas escolhem seus amigos e amigas geralmente com base em afinidade de pensamento, comportamento, gostos e preferências.</li> <li>• É comum que amizades e relacionamentos amorosos terminem.</li> <li>• Etnia, classe social, idade, orientação sexual e identidade de gênero não devem ser barreiras para a formação de amizades e relacionamentos amorosos.</li> <li>• Todas as pessoas são capazes de dar e receber afeto.</li> <li>• A igualdade deve ser a base de todos os relacionamentos.</li> <li>• Para que haja igualdade, deve haver respeito mútuo às diferenças de etnia, classe social, orientação sexual, identidade de gênero, entre outras.</li> <li>• Amizade e/ou amor ajudam as pessoas a se sentirem bem com elas mesmas.</li> </ul>
<p>Explicar que relacionamentos são interações que podem ter como bases a amizade e o afeto, mas também podem envolver conflitos e desacordos.</p>	<p style="text-align: center;"><b>13 e 14 anos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Amor, amizade, paixões e atração sexual envolvem diferentes emoções.</li> <li>• Os amigos podem se influenciar de diferentes formas.</li> <li>• Namorar (ou ficar) não significa, necessariamente, ter envolvimento sexual.</li> <li>• Existem muitas formas de expressar afeto em um relacionamento amoroso, como conversar, passear, conhecer o outro, passar o tempo juntos.</li> <li>• Algumas pessoas têm interesse amoroso/sexual por pessoas de outro sexo (heterossexuais); outras, por pessoas do mesmo sexo (homossexuais); outras, por pessoas de qualquer dos sexos (bissexuais); algumas pessoas não têm interesse sexual (assexuais).</li> <li>• Mulheres homossexuais também são chamadas de lésbicas. Homens homossexuais também são chamados de <i>gays</i>.</li> <li>• Nem todas as pessoas têm interesse em relacionamentos amorosos ou sexuais.</li> <li>• Os relacionamentos amorosos podem ser afetados por desigualdades de gênero.</li> <li>• O abuso e a violência em relacionamentos amorosos estão fortemente vinculados às desigualdades das relações de gênero.</li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>13 e 14 anos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Amor, amizade, paixões e atração sexual envolvem diferentes emoções.</li> <li>• Os amigos podem se influenciar de diferentes formas.</li> <li>• Namorar (ou ficar) não significa, necessariamente, ter envolvimento sexual.</li> <li>• Existem muitas formas de expressar afeto em um relacionamento amoroso, como conversar, passear, conhecer o outro, passar o tempo juntos.</li> <li>• Algumas pessoas têm interesse amoroso/sexual por pessoas de outro sexo (heterossexuais); outras, por pessoas do mesmo sexo (homossexuais); outras, por pessoas de qualquer dos sexos (bissexuais); algumas pessoas não têm interesse sexual (assexuais).</li> <li>• Mulheres homossexuais também são chamadas de lésbicas. Homens homossexuais também são chamados de <i>gays</i>.</li> <li>• Nem todas as pessoas têm interesse em relacionamentos amorosos ou sexuais.</li> <li>• Os relacionamentos amorosos podem ser afetados por desigualdades de gênero.</li> <li>• O abuso e a violência em relacionamentos amorosos estão fortemente vinculados às desigualdades das relações de gênero.</li> </ul>

## Roteiro 1 É preciso saber dizer, ouvir e respeitar!

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h30 a 2h.
- ✓ **Espaço físico:** sala de aula ou ambiente que permita a movimentação dos participantes.
- ✓ **Recursos:** equipamento de áudio, músicas, cópia dos casos para análise, materiais para desenho e anotação (papel, canetas, lápis preto e de cor, canetas hidrográficas etc.).
- ✓ **Abertura** (10 min): com os estudantes dispostos em círculo, apresente os objetivos da atividade (tabela). Aproveite para estabelecer combinados, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade. Convide-os a participar das atividades com gentileza, calma e o coração aberto, acolhendo as diferentes opiniões e as partilhas que surgirem durante seu desenvolvimento.
- ✓ **Aquecimento** (15 min): coloque música suave, de preferência instrumental, e convide os estudantes a caminharem lentamente pelo espaço. Enquanto caminham, peça que pensem nos amigos: quem são, o que sentem por eles, como se sentem na presença deles. Depois, peça que se lembrem das pessoas de quem mais gostam: por que gostam delas, como agem com elas (são carinhosos? cuidadosos? gentis?)? Em seguida, motive-os a pensar nas pessoas de quem recebem algum tipo de cuidado, atenção, carinho, amor: como se sentem quando são tratados com cuidado e atenção, quem são essas pessoas, quais são as pessoas que mais expressam carinho ou amor por eles. Convide os estudantes a retornarem ao círculo inicial. Pergunte como se sentiram ao pensar em seus relacionamentos afetivos. Acolha as respostas e faça um apanhado a fim de exemplificar a importância da afetividade na vida das pessoas. A maior parte de nossos relacionamentos é afetiva (com pessoas queridas, amigos, familiares etc.), mas nem todas essas relações são amorosas. As relações amorosas constituem outro tipo de relação afetiva, que envolve, por exemplo, namoro, casamento ou união estável. Para essa reflexão, retome os conceitos-chave deste eixo, de acordo com a idade dos estudantes.
- ✓ **Ampliando o assunto** (45 min): explique à turma que, por vezes, em nossas relações afetivas, podem existir conflitos e desentendimentos. Eles fazem parte da vida de todo mundo. Contudo, é preciso perceber quando um conflito ou desentendimento pode se transformar em violência e, assim, em uma violação de direitos. Apresente a próxima atividade, em que será possível observar algumas situações e identificar se há presença ou não de violência. Ressalte que existem formas diferentes de violência, além da agressão física. A violência sexual também se manifesta de diversas formas. Retome com a turma alguns dos conceitos apresentados nas páginas **16 e 17** do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida** para motivar o engajamento na discussão. Organize os participantes em pequenos grupos de quatro ou cinco componentes. Distribua aos grupos alguns casos para leitura e análise. Estimule-os a discutir sobre as situações observadas. Os estudantes devem ler os casos e indicar se a situação apresentada é ou não é violência. Naquelas que identificarem algum tipo de violência, peça que tentem indicar o tipo e, se possível, o que deve ser feito. Para conferir maior ludicidade à discussão, é possível atribuir cores: verde – não é violência; amarelo – temos dúvidas; vermelho – é violência. Podem ser usados lápis de cor ou canetas hidrográficas para pintar um círculo ao lado do texto. Apresentamos, no final deste roteiro, alguns exemplos de casos que podem ser selecionados para utilização de acordo com o perfil da turma. Caso julgue oportuno, crie outras situações que reflitam a realidade dos estudantes, da escola e da comunidade. Após a discussão, reúna os participantes e peça a cada grupo que apresente suas conclusões: casos analisados, resul-

tados da análise, como chegaram às conclusões e as alternativas para resolver os casos de violência. Elabore um painel com os casos apresentados pelos grupos, reunindo-os por cores. Pergunte quais foram os tipos de violência identificados. Se preciso, retome os diversos tipos de violência existentes, com destaque para os casos que envolvem violência sexual. Nas situações apresentadas no final deste roteiro, reforce que algumas envolvem consentimento, ou seja, permissão para que alguém faça ou não algo. Se julgar necessário, converse com a turma sobre a cultura do estupro com relação à culpabilização da vítima. Explique e reforce a ideia de que a culpa pela violência sexual nunca é da vítima. Aproveite para retomar a discussão proposta na página 9 do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida** sobre o medo de pedir ajuda. Ajude os estudantes a perceberem os estereótipos de gênero presentes em alguns casos e as formas de violência geradas por eles. Para finalizar, pergunte o que deve ser feito em uma situação em uma festa, em uma brincadeira, ou em outro tipo de situação, quando alguém diz “Pare!” ou “Não!”. Para ilustrar, proponha um exercício do consentimento<sup>29</sup>, que envolve o espaço individual: peça aos estudantes que formem duplas e se coloquem em fila, uma dupla ao lado da outra, cada dupla com um estudante de frente para o outro. As duplas podem ser colocadas sobre uma linha marcada no chão. Peça a um estudante de cada dupla que fique sobre a linha, enquanto o outro se afasta cerca de dois metros. Quem estiver sobre a linha deve estabelecer o quanto o outro pode se aproximar, dizendo “Pare!” quando perceber desconforto resultante da proximidade do colega. O estudante que estiver distante vai se aproximar aos poucos, seguindo a orientação do colega. A indicação pode ser dada com a voz acompanhada de um gesto com a mão. Os papéis devem ser trocados para que todos vivenciem as duas situações. Ressalte que, como cada pessoa tem seu limite, os estudantes de algumas duplas terminarão mais próximos que outros. É importante esclarecer que quem dá ou não o consentimento para a aproximação sabe como se sente e qual é o espaço necessário para se sentir confortável. Reforce que, nas diversas situações do dia a dia, é preciso ter coragem de dizer “Pare!” ou “Não!” com firmeza, em situações que gerem desconforto, medo, mágoa, insegurança. Aproveite para retomar as reflexões da atividade da página 43 do livro sobre a questão do autocuidado.

✓ **Boca no trombone** (30 min): para registrar os aprendizados, sugira à turma que elabore cartazes sobre a importância do consentimento nas brincadeiras e nas relações interpessoais e sobre a importância de dizer “Pare!” ou “Não!” em caso de necessidade e de respeitar esses comandos quando são direcionados a nós. É possível também propor a criação de uma fotonovela<sup>30</sup> para apresentar a questão do consentimento a outros estudantes da escola. As fotonovelas podem ser expostas em um mural ou compor uma revista que poderá ser disponibilizada na biblioteca. A realização dessa atividade envolve mais tempo e alguns recursos, como câmera fotográfica, impressora, entre outros.

✓ **Avaliação** (10 min): para finalizar, retome os sentimentos e os aprendizados vivenciados durante as atividades, o que mais marcou os estudantes, do que eles mais gostaram. Coloque-se à disposição, caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto.

<sup>29</sup> Fonte de pesquisa: BECKFORD, Nicola; BRADLEY, Jane; ELEY, Adam. Crianças de 11 anos recebem aula sobre consentimento sexual na Grã-Bretanha. **News Brasil: BBC**. 15 abr. 2015. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_091](http://ftd.li/defenda-se_091)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

<sup>30</sup> A atividade 10 da 3ª edição do guia **Gênero fora da caixa**: guia prático para educadores e educadoras, elaborado pelo Instituto Sou da Paz, de São Paulo, apresenta um roteiro para o trabalho com fotonovela que pode ser adaptado para a discussão sobre consentimento. Ele está disponível na internet: <[http://ftd.li/defenda-se\\_061](http://ftd.li/defenda-se_061)>. Acesso em: 25 jul. 2018.



## É VIOLÊNCIA OU NÃO?<sup>31</sup>

### Situação

1. Jaime tem 12 anos e adora jogar futebol. Às terças e às quintas-feiras ele faz aulas em uma escolinha do bairro. Faz tempo que ele sente que o seu professor de futebol é mais carinhoso com ele do que com os outros meninos e isso o incomoda. Na semana passada, enquanto se arrumava para ir embora, depois da aula, o professor o abordou dizendo que, se tocasse em suas partes íntimas, ele o indicaria para a peneira de um grande clube.
2. Luísa tem 13 anos e adora conversar e ir ao *shopping center* com amigos. No sábado passado, um menino, de idade semelhante à dela, passou a mão em seus cabelos quando eles se cruzaram no corredor do *shopping*. Luísa se sentiu estranha com aquela situação.
3. Marcos tem 11 anos, e Pedro, também de 11 anos, é seu melhor amigo. Eles são vizinhos e sempre jogam *videogame* juntos. Um dia, Marcos perdeu um jogo e Pedro fez uma piada. Marcos não gostou e deu um soco em Pedro.
4. Marcelo, de 11 anos, gosta mais de brincar com as meninas do que com os meninos da escola. Por causa disso, os meninos colocaram um apelido em Marcelo. Ele ficou muito triste com isso. Um dia, alguém colocou uma foto de Marcelo numa rede social com o apelido que lhe deram. A escola inteira ficou sabendo e todo mundo começou a chamá-lo pelo apelido e a tirar sarro. Marcelo ficou ainda mais triste.
5. No dia de seu aniversário de 11 anos, logo cedo, quando chegou à aula, João Felipe recebeu um abraço carinhoso de sua professora de Matemática, que era quem dava sua aula preferida.

### Comentários e orientações

1. Apesar de a situação não apresentar agressão física, o assédio é considerado uma forma de violência sexual e configura crime, de acordo com a legislação brasileira. Jaime pode contar o que aconteceu a alguém de confiança, fazer uma denúncia ao Disque 100 ou pedir a seus responsáveis que reportem a situação ao Conselho Tutelar ou órgão competente.
2. A situação não apresenta agressão física, mas tocar o corpo de uma pessoa sem seu consentimento é uma forma de violência. Nessa situação, Luísa pode dizer ao menino que não gostou de seu gesto e pedir que não o repita.
3. Agressão física é violência. Nesse caso, o ideal é tentar resolver os conflitos e problemas por meio do diálogo e do entendimento da situação. Se preciso, é possível pedir a ajuda de alguém para mediar a conversa. Além disso, os adolescentes precisam compreender que brincadeiras boas são aquelas em que todos se divertem. Quando uma piada ou brincadeira ofende ou magoa o outro, é preciso interrompê-la. Quando alguém é ofendido por piadas ou agressões, pode comunicar a situação a alguém em quem confie para que possam pensar juntos em estratégias para solucionar o problema.
4. Marcelo foi vítima de *bullying* e *cyberbullying*. A violência, nesse caso, não é representada por uma agressão física, mas causa muitos danos à vítima, além de configurar crime. Nesses casos, é necessário mudar a situação, cuidando de Marcelo e identificando e responsabilizando os agressores. Campanhas educativas sobre respeito à diversidade no enfrentamento do *bullying* e do *cyberbullying* podem ser muito produtivas.
5. A situação não apresenta violência. Gestos de carinho feitos por pessoas em quem confiamos são sempre bem-vindos. Carinho causa conforto e bem-estar. Abuso, geralmente, causa desconforto.

<sup>31</sup> Fonte de pesquisa: FONSECA, V. N.; NASCIMENTO, M.; PIZZI, B. **Pelo fim da exploração sexual: o que os homens podem fazer?** Manual para sensibilização de adolescentes de 10 a 14 anos. Rio de Janeiro: Promundo, 2008. p. 60-62. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_088](http://ftd.li/defenda-se_088)>. Acesso em: 24 ago. 2018.

## Roteiro 2 Internet: é preciso saber usar!

- ✓ **Tempo previsto:** de 2h a 2h30.
- ✓ **Espaço físico:** sala de aula ou ambiente que permita a movimentação dos participantes.
- ✓ **Recursos:** materiais para pesquisa e leitura, previamente selecionados (reportagens impressas, matérias de jornal), materiais de anotação, o livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**.
- ✓ **Abertura** (10 min): com os estudantes dispostos em círculo, apresente os objetivos da atividade (tabela) e retome os combinados da turma, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade.
- ✓ **Aquecimento** (15 min): peça aos estudantes que se sentem em círculos, próximos uns dos outros. Determine ou sorteie alguém para começar a atividade. Essa pessoa deve dizer no ouvido do colega da direita uma frase curta relacionada ao uso da internet, como "Pessoa esperta toma cuidado na internet!". O colega deve repassar a frase ao colega da sua direita, e assim por diante. A frase não pode ser repetida. A pessoa que a ouviu deve repassá-la exatamente como a entendeu. O último participante deve dizer em voz alta a frase que ouviu e quem começou a brincadeira deve dizer a frase inicial. A turma pode discutir a diferença entre a frase inicial e a frase final e sua transformação ao longo do processo. Converse com os estudantes de forma que percebam a relação entre essa brincadeira e a fofoca. Pergunte se alguém já passou por alguma situação que envolvesse fofoca. Ressalte que, apesar de as redes sociais terem papel importante no processo de comunicação entre as pessoas, quando mal utilizadas podem gerar sérios problemas. Aproveite a oportunidade para reforçar que a maior parte das redes sociais estabelece idade mínima para seus usuários: 13 anos. Existem ferramentas que controlam o acesso de menores a redes sociais. Ainda assim, muitos especialistas são contra o uso de redes sociais por crianças, em razão de todos os riscos que a internet pode oferecer. Cite alguns exemplos de uso irresponsável da internet: *cyberbullying* (perseguições feitas por meio de redes sociais), sextorsão<sup>32</sup> (tentativa de extorquir ou obrigar uma pessoa a fazer algo contra a sua vontade, ameaçando divulgar fotos ou vídeos íntimos) e *fake news* (notícias falsas que circulam na internet e causam grande confusão). Esse tipo de problema está diretamente relacionado a atos de violência e suicídio entre adolescentes.
- ✓ **Ampliando o assunto** (1h30): proponha a realização de um julgamento simulado, em que os estudantes discutirão se a internet é culpada ou inocente de problemas que surgiram desde a sua invenção. Divida a turma em três grupos: o primeiro será a defesa, apresentando argumentos que mostrem os benefícios que a internet traz para a sociedade, o segundo será a acusação, expondo os perigos, riscos e problemas causados pela internet, e o terceiro formará a equipe de jurados. Oriente a preparação dos grupos: tanto defesa como acusação devem apresentar argumentos que convençam os jurados a favor de seu ponto de vista. Os jurados, em conjunto com o juiz, devem tomar a sua decisão apoiando-se nos argumentos apresentados pelos grupos. Estimule os participantes a se engajarem na discussão, realizando pesquisas e apresentando fatos. Aproveite a oportunidade para retomar a atividades das páginas **35** e **54** do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**. Para facilitar a organização dos grupos de defesa e de acusação, sugira que formem três subgrupos,

<sup>32</sup> Como apoio na discussão, consulte os materiais para trabalho com adolescentes e jovens produzidos e divulgados pela Safernet. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_087](http://ftd.li/defenda-se_087)>. Acesso em: 24 ago. 2018.

que se encarregarão de pesquisar um tema cada: os de acusação – *fake news*, *cyberbullying*, sextorsão; os de defesa – benefícios da internet, dicas de utilização segura da internet, o que fazer quando se é vítima de algum caso relacionado à internet. Cada grupo deve ter oradores que apresentarão os argumentos de defesa ou de acusação levantados. Durante o julgamento, os grupos podem apresentar seus argumentos por meio de cartazes. Distribua materiais previamente selecionados para serem utilizados pelos dois grupos. Se possível, garanta tempo e recursos de pesquisas na própria internet. Combine o horário em que terá início o julgamento. Sugerimos um tempo de 40 minutos para levantamento dos argumentos e de outros 40 minutos para o julgamento. É possível dividir a atividade em duas etapas: a preparação dos argumentos em um dia e o julgamento em outro. Pode-se convidar outro professor para interpretar o juiz. Todos os participantes do júri devem ser previamente orientados quanto ao seu desempenho ou comportamento durante o julgamento.

Personagens no julgamento simulado:

- Juiz: faz a mediação das falas, interrompendo-as quando necessário, acalma os ânimos, pede silêncio, anota os argumentos apresentados, faz perguntas aos grupos, avalia os argumentos em conjunto com o júri e anuncia o veredito.
- Acusação: posiciona-se em um dos lados da sala, seleciona e apresenta argumentos contra o réu (nesse caso, a internet).
- Defesa: posiciona-se no lado oposto ao grupo de acusação e apresenta argumentos a favor do réu, a internet.
- Jurados: posicionam-se entre a acusação e a defesa, ouvem e anotam os argumentos. Não fazem perguntas durante o julgamento e procuram manter postura neutra. No final, reúnem-se com o juiz, fora da sala, para juntos chegarem a um veredito.

Se houver tempo e disponibilidade, é possível definir outros personagens como testemunhas de defesa e de acusação. O julgamento deve ser conduzido pelo juiz, que, durante 25 minutos, escuta as falas da defesa e da acusação, controlando o tempo de cada grupo. Depois da apresentação de todos os argumentos, e não havendo dúvidas, juiz e jurados se reúnem por 10 minutos para chegar a uma conclusão, culpando ou inocentando o acusado. Ao retornar para a sala, o juiz informa aos participantes a decisão. No final da atividade, pergunte aos estudantes como eles avaliam o resultado. A intenção da atividade é fazer com que a turma perceba que a internet em si não é vilã; trata-se de um importante recurso de pesquisa, comunicação e disseminação de informação. O mau uso que se faz dela é que pode gerar sérios problemas. Reforce que é preciso utilizar a internet com cautela e responsabilidade. Encerre a discussão retomando as dicas de uso da internet para crianças e adolescentes presentes na página **55** do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**.

- ✓ **Boca no trombone:** é possível propor a realização de vídeos para orientar crianças e jovens sobre formas seguras de utilizar a internet. Eles podem ser feitos com o celular e com o apoio das famílias, utilizando programas gratuitos de edição. Se julgar conveniente, proponha uma mostra para a apresentação dessa produção para outras turmas e a comunidade escolar. Os vídeos podem ser divulgados nas redes sociais da escola.
- ✓ **Avaliação (10 min):** para finalizar, retome os sentimentos e os aprendizados vivenciados durante a atividade, o que mais marcou os estudantes, do que eles mais gostaram. Coloque-se à disposição, caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto.

## Eixo 3 - Eu sou porque nós somos!

O objetivo deste eixo é promover reflexões sobre o pertencimento comunitário e a identificação da rede de apoio disponível em caso de violência ou abuso sexual. A realização de pesquisa e de mapeamento e a identificação de elementos que compõem o Sistema de Garantia de Direitos de crianças e adolescentes, bem como de espaços de exercício de protagonismo na defesa dos seus direitos, assumem grande importância nessa discussão. Os conceitos-chave apresentam a dimensão da coragem de vencer a vergonha e o medo e de buscar ajuda em caso de abuso ou violência. Neste eixo, os objetivos são trabalhar a participação e o protagonismo juvenil e apresentar o Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente. No **Roteiro 1**, a discussão motiva os adolescentes a refletirem sobre suas necessidades e direitos, identificando por meio de atividades de mapeamento os aparelhos e as instituições que compõem a rede de apoio. No **Roteiro 2**, retomamos a ideia apresentada nas atividades das páginas **62** e **63** do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**, de elaboração de uma campanha protagonizada pelos adolescentes para disseminar aprendizagens e esclarecimentos entre pares e comunidade.

**Temas para discussão:** mobilização, Sistema de Garantia de Direitos, protagonismo e empoderamento juvenil.

OBJETIVOS	CONCEITOS-CHAVE
<p>Apresentar informações e oferecer esclarecimentos sobre fontes seguras de apoio e proteção para as situações de violação de direitos.</p>	<p><b>11 e 12 anos</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Algumas situações de violação de direitos podem requerer ajuda para além da família, da escola ou da comunidade.</li> <li>• O assédio e a violência sexual devem ser notificados a uma fonte de ajuda de confiança.</li> </ul>
	<p><b>13 e 14 anos</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vergonha e culpa não devem ser barreiras à busca de ajuda.</li> <li>• É necessário fazer uma avaliação crítica ao usar a mídia (como a internet) como fonte de auxílio.</li> <li>• Existem instituições de apoio em saúde sexual e saúde reprodutiva, tais como: aconselhamento, exames e tratamento para DST/HIV; serviços de contracepção, assistência pós-aborto, entre outros.</li> <li>• Existem canais de apoio e ajuda para situações de abuso/violência sexual, estupro, violência doméstica e de gênero, discriminação, entre outros.</li> <li>• As boas fontes de ajuda mantêm o sigilo e protegem a privacidade.</li> </ul>



OBJETIVOS	CONCEITOS-CHAVE
<p>Oportunizar o contato com os Direitos da Criança e do Adolescente (DCA), identificando a rede de proteção no território.</p>	<p>Para todas as idades</p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crianças e adolescentes são sujeitos de direitos.</li> <li>• Nem sempre os direitos das crianças e adolescentes são respeitados.</li> <li>• Existe um sistema responsável pela promoção, defesa e controle dos direitos das crianças e adolescentes.</li> <li>• Existem canais de apoio e ajuda para situações de abuso/violência sexual, estupro, violência doméstica e de gênero, discriminação, entre outros.</li> <li>• As boas fontes de ajuda mantêm o sigilo e protegem a privacidade.</li> </ul>

### Roteiro 1 Você tem fome de quê?

- ✓ **Tempo previsto:** de 1h30 a 3h.
- ✓ **Espaço físico:** sala de aula ou ambiente que permita a movimentação dos participantes.
- ✓ **Recursos:** materiais para anotação, cartolinas ou folhas de *flip-chart* ou outros materiais específicos de acordo com o tipo de mapeamento escolhido, equipamento audiovisual e música definida na atividade.
- ✓ **Abertura** (10 min): com os estudantes dispostos em círculo, apresente os objetivos da atividade (tabela) e retome os combinados da turma, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade.
- ✓ **Aquecimento** (25 min): reproduza a música “Comida”, da banda Titãs<sup>33</sup>, para os estudantes e peça que prestem atenção na letra, refletindo sobre seu significado. Caso não seja possível reproduzi-la, repasse a letra para que eles a analisem. Pergunte o que mais chamou a atenção na letra: que outras necessidades as pessoas têm além de comer e beber? Organize a turma em grupos de quatro a seis participantes e, com base na reflexão proposta, sugira que organizem uma lista com o que crianças e adolescentes precisam para viver feliz. Cada grupo deve apresentar os itens listados e como chegaram a eles. No quadro ou em uma cartolina, faça um apanhado dessas necessidades de modo a construir uma única lista. No final da atividade, com a ajuda da turma, agrupe os itens por temas: lazer, saúde, educação, respeito, igualdade, entre outros. Proponha uma reflexão sobre as necessidades que configuram os direitos previstos nas legislações. Reforce que, como crianças e adolescentes são pessoas em formação, precisam ser protegidas pela família, pelo Estado e pela sociedade, com direito a escola, lazer, cultura, convivência familiar e comunitária harmônica e segura, segurança, saúde e integridade física. Crianças devem ser respeitadas e podem ter participação ativa nas decisões tomadas pela sociedade, principalmente no que diz respeito à sua vida e às suas necessidades. Retome a atividade da página 7 do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da infância**, problematizando direitos que, porventura, não tenham sido citados nas discussões. Peça

<sup>33</sup>ANTUNES, Arnaldo; BRITTO, Sergio; FROMER, Marcelo. “Comida”. In: TITÃS. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. WEA, 1987. Faixa 2.

aos grupos que discutam entre si e apresentem uma opinião sobre a seguinte questão: os direitos listados são respeitados em sua comunidade ou na sociedade em geral? Justifique sua resposta.

✓ **Ampliando o assunto** (de 1h a 3h): proponha a realização de um mapeamento da comunidade no entorno da escola para identificar alguns aparelhos ou lugares que se responsabilizam pela promoção ou garantia dos direitos das pessoas. Essa atividade pode ser realizada de diversas maneiras. Apresentamos três possibilidades que podem ser ajustadas ao perfil da turma, da escola e do entorno. Um ponto de partida pode ser a atividade da página **11** do livro, em que os estudantes pesquisam informações sobre o Conselho Tutelar. Convide a turma a pesquisar outros aparelhos que poderiam fazer parte do Sistema de Garantia de Direitos. Eles devem elaborar um mapa do bairro que servirá de base para a indicação desses aparelhos. É possível também buscar o mapa na internet.

- Possibilidade 1 - Mapeamento *on-line*: no laboratório de informática da escola, organize os estudantes em grupos e oriente-os quanto à utilização das ferramentas de busca disponíveis. Cada grupo deve pesquisar diferentes serviços, como: Centro de Referência e Assistência Social (Cras); Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas); delegacias (da mulher, da infância e juventude); Conselho Tutelar; Corpo de Bombeiros; escolas; postos de saúde; Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), entre outros. Com base nos resultados, discuta com a turma algumas questões: a inexistência de aparelhos, a quantidade de aparelhos *versus* população atendida, a qualidade e a especialidade dos aparelhos, horários de funcionamento, entre outros.

- Possibilidade 2 - Caminhada pelo entorno: defina roteiros diferentes do entorno da escola ou do bairro para que os grupos possam fazê-los a pé, identificando a presença ou a ausência de elementos importantes para a qualidade de vida e a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes. Se julgar mais apropriado, defina um único percurso e faça-o com a turma. Eles deverão observar a presença ou a ausência de alguns elementos: lixo ou lixeiras, áreas de lazer, praças, arborização, serviços comunitários, policiamento, delegacia, hospitais, postos de saúde, telefones públicos em funcionamento, escolas, centros de educação infantil ou creches, entre outros. Chame a atenção para o papel de alguns aparelhos na promoção ou no controle dos direitos das crianças e adolescentes<sup>34</sup>. Apresente elementos importantes que podem ser acessados por crianças, adolescentes e suas famílias para buscar ajuda em caso de situações de violência ou abuso sexual: Cras, Creas, Delegacia da Mulher, Conselho Tutelar, escola. Se julgar conveniente, agende uma visita a um desses aparelhos para que os estudantes conheçam seu funcionamento.

- Possibilidade 3 - Mapeamento em sala: distribua mapas com a indicação de aparelhos existentes no bairro ou na cidade, preparados previamente, para que os estudantes possam avaliar sua existência, proximidade ou distância da escola (ou da sua casa), a quantidade de aparelhos e a função de cada um, principalmente os que atendem a vítimas de violência e abuso sexual. Se possível, agende uma visita da turma a um desses aparelhos ou convide algum de seus profissionais para realizar uma palestra ou bate-papo. Os mapas podem ser elaborados apoiados em modelos disponíveis na internet, impressos ou projetados.

✓ **Boca no trombone** (30 min): proponha a montagem de uma maquete de uma cidade ou bairro em que os direitos das crianças e adolescentes sejam respeitados. A turma pode ser dividida em grupos, cada um se responsabilizando por um tema: lazer, cultura, educação, saúde, segurança etc.

---

<sup>34</sup> Para saber mais sobre o Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente, consulte material elaborado pela Fundação Telefônica Vivo. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_092](http://ftd.li/defenda-se_092)>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Ressalte que os aparelhos que atendem vítimas de violência ou abuso sexual devem ser destacados. Depois de pronta, a maquete pode ser exposta na escola para apreciação dos estudantes de outras turmas. Aproveite esse momento para propor a montagem de uma maquete que pode ser exposta entre as atividades de mobilização do próximo roteiro.

✓ **Avaliação:** para finalizar, retome os sentimentos e os aprendizados vivenciados durante a atividade, o que mais marcou os estudantes, do que eles mais gostaram. Coloque-se à disposição, caso sintam necessidade de conversar em particular sobre algum assunto. Reforce que, diante de situação de violência e abuso, é preciso ter coragem para pedir ajuda, seja para alguém de confiança, seja a um órgão competente.

## Roteiro 2 E vamos à luta!

✓ **Tempo previsto:** 2h.

✓ **Espaço físico:** sala de aula ou ambiente que permita a movimentação dos participantes.

✓ **Recursos:** caixa de papelão, material para anotação, cartolina ou *flip-chart*.

✓ **Abertura** (10 min): com os estudantes dispostos em círculo, apresente os objetivos da atividade (tabela) e retome os combinados da turma, como respeitar a vez de o colega falar, ouvir com respeito, sentir-se livre para expressar ideias e opiniões, evitar comentar com outras pessoas o que é discutido na atividade.

✓ **Aquecimento** (25 min): jogo da verdade<sup>35</sup> – hoje, crianças e adolescentes têm seus direitos garantidos por lei, mas nem sempre foi assim. Foi preciso muita luta para criar leis de proteção à infância e à juventude e colocá-las em vigor. As crianças e os adolescentes podem e devem se comprometer, se unir e ocupar espaços de participação para defender seus direitos. Utilize o exemplo da personagem Luciana, de 14 anos, do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**, para ilustrar a importância da participação de adolescentes na transformação de suas realidades. Convide a turma para participar de um jogo da verdade. Escreva frases sobre a participação de adolescentes na vida em comunidade nas tiras de papel, dobre-as e coloque-as em uma caixa de papelão. A caixa circulará entre os estudantes enquanto uma música toca. Quando a música parar, quem estiver com ela deverá retirar uma questão e dizer se ela é falsa ou verdadeira. As questões podem ser complementadas por informações que facilitem a problematização.

### SUGESTÕES DE QUESTÕES (VERDADEIRO OU FALSO)

1. Adolescentes e jovens podem participar do Conselho da Escola.

### DISCUSSÕES POSSÍVEIS

É possível que adolescentes e jovens participem do Conselho da Escola desde que essa permissão esteja no regimento escolar, que organiza e determina as funções e os critérios de participação no Conselho Escolar. Se o regimento não prever representação discente, isso pode ser discutido e proposto. Sugira à turma que pesquise como é na sua escola.

<sup>35</sup> Fonte de pesquisa: SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. **Cá entre nós:** guia de educação integral em sexualidade entre jovens. São Paulo, 2012. p. 97. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_090](http://ftd.li/defenda-se_090)>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SUGESTÕES DE QUESTÕES (VERDADEIRO OU FALSO)	DISCUSSÕES POSSÍVEIS
2. Adolescentes e jovens não podem participar do grêmio estudantil.	O grêmio estudantil é organizado por e para estudantes. É um importante espaço de formação e exercício de lideranças, bem como de escuta e participação juvenil nas escolas. Pergunte aos estudantes: Vocês participam de algum grupo assim na escola? Como ele é? Qual é a sua participação? Se não há, é possível criar?
3. Adolescentes e jovens não podem participar de associações, grupos ou organizações não governamentais que lutam pelos direitos de pessoas, inclusive crianças e jovens.	Há inúmeros movimentos sociais, ONGs e associações que garantem a participação de crianças, adolescentes e jovens. Proponha aos estudantes que pesquisem associações ou movimentos sociais ou culturais na cidade.
4. Além das atividades da escola, adolescentes só podem participar das atividades de igreja.	Adolescentes e jovens podem e devem ser ouvidos em todas as esferas: escolas, igrejas, família, conselhos de direitos, fóruns de juventude etc.
5. Adolescentes e jovens não podem participar de redes sociais que defendem seus direitos.	A internet e as redes sociais, se utilizadas com responsabilidade e cuidado, são importantes ferramentas de informação e de mobilização social. Sugira aos estudantes que pesquisem <i>sites</i> e páginas de grupos que lutam pela promoção e defesa dos DCA.
6. Adolescentes e jovens que sofrem algum tipo de violência devem pedir ajuda a alguém de confiança.	Além de buscar alguém de confiança, eles podem procurar o Conselho Tutelar, a delegacia, o posto de saúde mais próximo, a escola ou o Disque 100.
7. Adolescentes e jovens não podem participar de reuniões do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de sua cidade.	Em alguns lugares, o CMDCA permite que apenas o responsável pelo adolescente participe como conselheiro. Em outros, são organizados grupos de adolescentes e crianças a quem o CMDCA faz algumas consultas. Além desse aparelho, existem as conferências municipais, regionais, estaduais e nacionais dos DCA, que são importantes espaços de participação de crianças e adolescentes. Sugira aos estudantes que pesquisem se a escola participa das conferências municipais.

✓ **Ampliando o assunto** (1h): pergunte aos estudantes se sabem o que é protagonismo juvenil<sup>36</sup>. Mais do que uma ideia, trata-se da possibilidade de adolescentes e jovens se organizarem e buscarem mudanças em sua comunidade, escola etc. Retome as atividades das páginas **62** e **63** do livro **Um bairro contra o silêncio: em defesa da vida**, desafiando os estudantes a organizarem uma mobilização na escola ou na comunidade para a conscientização de crianças e adolescentes sobre o enfrentamento da violência sexual. Nesse momento, é importante apoiar a turma, mas não liderar a mobilização, sobretudo se entre os participantes houver adolescentes com liderança reconhecida pelos colegas. Ajude-os a realizar um levantamento dos temas que podem ser abordados e quais ações podem ser concretizadas. Na página **63** do livro **Um bairro contra o**

<sup>36</sup> Consulte no **Apêndice** alguns materiais que podem ser utilizados para ampliar essa discussão.

**silêncio: em defesa da vida**, há orientação de como elaborar cartazes que podem ser utilizados na mobilização como forma de compartilhar conhecimentos. Auxilie a turma na montagem de um cronograma e na distribuição das tarefas. Inclua, entre as tarefas, alguma forma de avaliação da mobilização. A mobilização pode acontecer em dia ou semana específicos, predeterminados. A seguir, sugerimos algumas atividades que podem ser desenvolvidas:

- Peça ou esquetes teatrais sobre o tema.
  - Concurso de cartazes ou desenhos.
  - Palestras com especialistas para famílias.
  - Panfletagem com orientações sobre o que fazer em caso de violência ou abuso sexual.
  - Mostra de vídeos (os vídeos da campanha **Defenda-se** ou aqueles feitos pelos próprios estudantes).
  - Concurso de poesia sobre os direitos das crianças e adolescentes.
  - Exposição das produções realizadas sobre um novo projeto de vida (página **60** do livro).
  - Rodas de conversa, entre adolescentes, que tratem de assuntos específicos: “De mano pra mano”, “De mina pra mina”, “Salve geral”.
  - Exposição de maquete que apresente uma cidade ou bairro que respeita os direitos das crianças e adolescentes.
- ✓ **Avaliação** (30 min): reserve um tempo para a avaliação do processo formativo. Peça aos estudantes que comentem rapidamente o que aprenderam com as atividades realizadas e o que poderão fazer com esse aprendizado. Se preferir, é possível utilizar cartazes em branco espalhados na sala. Os estudantes devem circular e anotar suas opiniões: “Que bom que...”; “Que tal se...?”; “Que pena que...”. Encerre com um abraço coletivo, reconhecendo e valorizando as participações de todos. Para finalizar, retome os canais de ajuda para casos de violência e abuso sexual e convide os estudantes a serem multiplicadores dos conhecimentos que adquiriram. Se possível, crie na escola um espaço para o protagonismo juvenil.

## Para finalizar

O processo de prevenção e de enfrentamento da violência e do abuso sexual contra crianças e adolescentes tem a escola como valiosa aliada, pois se trata de fonte segura de informação e representa, para muitas crianças, um importante espaço de proteção.

A leitura do livro e a execução das atividades são apenas os primeiros passos para o processo de empoderamento de crianças e adolescentes na prevenção e no combate da violência e do abuso sexual. É fundamental que esse processo tenha continuidade no dia a dia da sala de aula. Para isso, recomendamos avaliar, em parceria com a comunidade escolar, formas de fazer isso: realização de momentos formativos para as famílias e a comunidade, utilização de datas importantes para a promoção de campanha ou de ações pontuais, como palestras, mostras de atividades, panfletagens, passeatas de conscientização: Dia Internacional da Mulher (8 de março), Dia Mundial da Infância (21 de março), Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infantil (18 de maio), Aniversário do **ECA** (13 de julho), Dia



do Adolescente (21 de setembro), Dia internacional da Não Violência (2 de outubro), Dia das Crianças (12 de outubro), Dia Internacional dos Direitos das Crianças (20 de novembro), Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra Mulheres (25 de novembro) e Dia dos Direitos Humanos (10 de dezembro).

O mural da sala de aula e o da escola podem divulgar ao longo do ano informações sobre autoproteção e os canais de apoio que podem ser utilizados por crianças e adolescentes.

Resgatar, sempre que possível, alguns conceitos, como consentimento, confiança, conforto/desconforto, segurança/perigo, coragem, igualdade, é uma forma de construir uma cultura de cuidado e alteridade.

Esperamos que sua trajetória seja de sucesso e contamos com sua participação constante no time da defesa de crianças e adolescentes!



## Apêndice

Apresentamos, nesta seção, sugestões de *sites*, publicações, filmes e outros materiais audiovisuais que podem ser utilizados com os estudantes no processo de ensino e aprendizagem com foco na prevenção e no enfrentamento da violência sexual.

O uso de materiais audiovisuais como recurso pedagógico nas escolas<sup>37</sup> é atividade cada vez mais comum e de sucesso entre estudantes e professores. Seja como elemento de introdução e motivação dos estudantes para as temáticas a serem trabalhadas, seja como recurso didático que ajuda a elucidar aspectos históricos definidos a serem analisados no processo pedagógico ou em determinada sequência didática, seja ainda como espaço de fruição de arte ou de vivência do lazer, sua utilização traz ludicidade e enriquece o processo pedagógico.

Ainda que os recursos audiovisuais aqui apresentados sejam indicados como conteúdo apropriado para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, antes de reproduzi-los, é importante que você assista a cada um do início ao fim, reflita sobre ele e prepare a turma para a observação de elementos importantes durante sua exibição. Planeje também a utilização desses recursos no seu processo pedagógico para que a experiência seja, de fato, enriquecedora.

Organizados em cinco eixos temáticos, os materiais indicados não esgotam os temas, mas direcionam o foco do trabalho com vistas à adequação do público-alvo e ao sucesso das discussões propostas.

Nem sempre os materiais trazem indicação precisa da faixa etária do público a que se destinam. Nesse sentido, é importante que você conheça previamente os materiais e considere suas características para, se preciso, adaptar as atividades de modo que correspondam às suas expectativas.


## Violência sexual contra adolescentes

### Publicação

- ▶ **Pelo fim da exploração sexual:** o que os homens podem fazer? Manual para sensibilização de adolescentes entre 10 e 14 anos

**Vanessa Fonseca, Marcos Nascimento e Bruno Pizzi.** Promundo, 2008.


Recomendado a partir do 6º ano.

 [http://ftd.li/defenda-se\\_088](http://ftd.li/defenda-se_088) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

- ▶ **Mobiliza aê! Jovens contra a exploração sexual de crianças e adolescentes**

Promundo, 2016.

Recomendado a partir do 8º ano.

 [http://ftd.li/defenda-se\\_093](http://ftd.li/defenda-se_093) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

<sup>37</sup> CHRISTOFOLETTI, Rogério. Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?. In: Revista **Educação**. Santa Maria: UFSM, v. 34, n. 3, p. 603-616, set.-dez. 2009. Disponível em: <[http://ftd.li/defenda-se\\_078](http://ftd.li/defenda-se_078)>. Acesso em: 24 jul. 2018.

## Audiovisuais



### ▶ Que abuso é esse?

Canal Futura, 2015. Série de TV.  
Classificação indicativa livre.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_094](http://ftd.li/defenda-se_094) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

### ▶ Que exploração é essa?

Canal Futura, 2016. Série de TV.  
Classificação indicativa livre.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_095](http://ftd.li/defenda-se_095) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

### ▶ Que corpo é esse?

Canal Futura, 2018. Série de TV.  
Classificação indicativa livre.

#### 1. Internet

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_096](http://ftd.li/defenda-se_096) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

#### 2. Internet e mídia

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_097](http://ftd.li/defenda-se_097) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

## Sexualidade e Educação em Sexualidade

### Publicação



### ▶ Cá entre nós: guia de educação integral em sexualidade entre jovens São Paulo. Secretaria de Educação, 2012.

Recomendado a partir do 8º ano.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_090](http://ftd.li/defenda-se_090) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

### ▶ De jovem para jovem: educação entre pares

Unicef, Revista Viração e Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto, [s.d.].  
Recomendado a partir do 8º ano.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_098](http://ftd.li/defenda-se_098) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

### ▶ Sexo e muito mais temas

Unicef, Revista Viração e Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto, [s.d.].  
Recomendado a partir do 8º ano.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_099](http://ftd.li/defenda-se_099) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

## Audiovisuais



### ▶ Que corpo é esse?

Canal Futura, 2018. Série de TV.  
Classificação indicativa livre.

#### 1. Corpo em mutação

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_100](http://ftd.li/defenda-se_100) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

#### 2. Chris - Papo com gente grande

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_101](http://ftd.li/defenda-se_101) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

#### 3. Tainá e Cauã - Papo com gente grande

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_102](http://ftd.li/defenda-se_102) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

▶ **Medo de quê?**

Promundo, 2015. Vídeo (18 min).

Sem classificação indicativa.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_103](http://ftd.li/defenda-se_103) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

## Gênero, educação e desigualdades

### Publicação

▶ **Como é duro ser diferente!**

**Giselda Laporta Nicolelis.** FTD, 2017.

Recomendado a partir do 6º ano.

▶ **É proibido ser diferente!**

**Fernando Vaz.** FTD, 2017.

Recomendado a partir do 8º ano.

### Audiovisuais

▶ **Vida Maria**

De Márcio Ramos. Brasil, 2006. Curta-metragem de animação (8 min).

Sem classificação.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_104](http://ftd.li/defenda-se_104) (Acesso em: 24 jul. 2018.)

▶ **Billy Elliot**

De Stephen Daldry. França e Reino Unido, 2000. Longa-metragem (110 min).

Classificação indicativa 12 anos.

▶ **Livres & iguais: a lição**

ONU. Nações Unidas pela Igualdade LGBT, 2017. Vídeo (2 min).

Sem classificação indicativa.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_105](http://ftd.li/defenda-se_105) (Acesso em: 25 jul. 2018.)

▶ **Igualdade de gênero**

Instituto Coca-Cola Brasil, ONU Mulheres e Ibam, 2016. Vídeo (2 min).

Sem classificação indicativa.

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_106](http://ftd.li/defenda-se_106) (Acesso em: 25 jul. 2018.)

▶ **Que corpo é esse?**

Canal Futura, 2018. Série de TV.

Classificação indicativa livre.

**1. Estereótipos de gênero**

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_107](http://ftd.li/defenda-se_107) (Acesso em: 25 jul. 2018.)

**2. O jeito de cada um**

🔗 [http://ftd.li/defenda-se\\_108](http://ftd.li/defenda-se_108) (Acesso em: 25 jul. 2018.)

## Direitos e protagonismo juvenil

### Publicação

- ▶ **Participação cidadã de adolescentes:** guia prático  
Plataforma dos Centros Urbanos, Revista Viração e Unicef, 2016.  
Recomendado a partir do 7º ano.  
[http://ftd.li/defenda-se\\_109](http://ftd.li/defenda-se_109) (Acesso em: 25 jul. 2018.)
- ▶ **Direitos universais das crianças e dos jovens**  
**Flavio de Souza.** FTD, 2016.  
Recomendado a partir do 6º ano.